

An aerial photograph of a crowded street in Favela Frei Sigrist. A large group of children is running down the street, which is lined with buildings and trees. The scene is captured from a high angle, showing the layout of the favela and the density of the population.

CULTURA E ENCONTRO: OS PATAMARES DO SABER FAVELA FREI SIGRIST

**FCT UNESP - Universidade Estadual Paulista
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
RENATA BELAI MOLIANI**

**PRESIDENTE PRUDENTE
MARÇO 2015**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

RENATA BELAI MOLIANI

CULTURA E ENCONTRO: OS PATAMARES DO SABER

FAVELA FREI SIGRIST – PIRACICABA/SP

Presidente Prudente

Março 2015

RENATA BELAI MOLIANI

INTERVENÇÃO NA FAVELA FREI SIGRIST

Trabalho apresentado ao Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologias da UNESP de Presidente Prudente para a conclusão da Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Cristina Maria Perissinotto Baron

Presidente Prudente

Março 2015

RENATA BELAI MOLIANI

CULTURA E ENCONTRO: OS PATAMARES DO SABER

FAVELA FREI SIGRIST – PIRACICABA/SP

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Ciências e Tecnologias em Presidente Prudente.

Orientadora: Cristina Maria Perissinotto Baron

Aprovado pela Banca Examinadora em Março de 2015

Profª Doutora Maria Cristina Perissinotto Baron
Orientador - Faculdade de Ciências e Tecnologias

Avaliador 2

Faculdade de Ciências e Tecnologias

Presidente Prudente

Março 2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me guiou nessa longa e difícil caminhada; agradeço meus pais e meu namorado que me deram total apoio nos dias difíceis, sempre permanecendo ao meu lado e me ajudando no que eu precisasse; agradeço aos meus amigos que sanaram muitas das minhas dúvidas, além dos desabafos nas madrugadas; agradeço minha orientadora pelos “puxões de orelha” que me fizeram evoluir e por fim agradeço à „minha inspiração” que me permitiu ter boas ideias que compuseram este trabalho final.

“(...) A favela, nunca foi reduto de marginal

Ela só tem gente humilde Marginalizada
e essa verdade não sai no jornal

A favela é, um problema social (...)

Sim mas eu sou favela
Posso falar de cadeira
Minha gente é trabalhadeira
Nunca teve assistência social
Ela só vive lá (...)”

BEZERRA DA SILVA

RESUMO

A questão da favelização nas cidades do mundo é um problema que vem sendo muito discutido. Há muitos estudiosos que vem discutindo as definições sobre o fenômeno urbano da favelização e tudo que as envolve: problemas sociais, segregação urbana, a falta de infraestrutura básica, a falta de espaços de lazer, e uma série de outros problemas que envolvem a população residente de um aglomerado subnormal. Nas cidades médias o aumento das favelas vem ocorrendo de forma significativa, como é o caso do município de Piracicaba, que contém muitas favelas, incluindo a Favela Frei Sigrist, que é o objeto de estudo deste trabalho.

Palavras-chave: Favelização, Reurbanização de Favelas

Há atualmente muitos arquitetos e urbanistas preocupados com essa questão, e muitos projetos de reurbanização de favelas tem sido realizados, em prol de proporcionar uma melhoria significativa na vida dos moradores. Sendo assim, através do levantamento realizado (registros bibliográficos e fotográficos, croquis, visitas constantes à Favela Frei Sigrist e conversa com moradores), foi possível constatar as necessidades da população e seus desejos. Deste modo, a elaboração de um projeto que vise a qualidade de vida da população através do lazer e da cultura , além da reurbanização da favela foi inevitável.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1	
2. URBANIZAÇÃO E FAVELIZAÇÃO	4	
2.1 DEFINIÇÕES	6	
2.2 ESTÉTICA DAS FAVELAS E SUAS PECULIARIDADES	9	
3. PIRACICABA E O PROCESSO DE FAVELIZAÇÃO	12	
3.1 HISTÓRICO DE PIRACICABA	13	
3.2 PIRACICABA: CRESCIMENTO POPULACIONAL, EXPANSÃO URBANA E OCUPAÇÃO DE ÁREAS IRREGULARES (FAVELIZAÇÃO)	15	
3.3 O BAIRRO VILA CRISTINA E A FAVELA	20	
4. A FAVELA FREI SIGRIST	31	
4.1 HISTÓRICO DA FAVELA E O FREI SIGRIST	32	
4.2 CARACTERÍSTICAS MARCANTES DA FAVELA	35	
4.3 A QUESTÃO JURÍDICA	42	
5. REFERENCIAS PROJETOuais	43	
5.1 COLÉGIO SANTO DOMINGO SÁVIO – OBRANEIRA ARQUITETOS	43	
5.2 PARQUE BIBLIOTECA PÚBLICA LEÓN DE GREIFF – GIAN CARLO MAZANTI	49	
5.3 FAVELA NOVA JAGUARÉ – SETOR 3 – BOLDARINI ARQUITETOS ASSOCIADOS		
5.4 EDIFÍCIO PROJETO VIVER – VENCEDOR GANHADOR DO PREMIO ROGÉLIO SALMONA (PRIMEIRO LUGAR) – FGMF	52	
6. DIRETRIZES PROJETOuais	56	
7. O PROJETO	60	
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79	
9. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80	

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a questão da favelização que aumenta progressivamente nas cidades desde as de pequeno porte até as de grande porte, e discute mais especificamente sobre a favelização no município de Piracicaba localizado no interior do Estado de São Paulo. O objetivo é desenvolver um projeto de intervenção em uma favela específica da cidade em questão analisando seus pontos positivos e negativos e muitos estudos acerca do local.

O Brasil é um país onde o número de favelas é bastante notável, sendo que estas são fruto da má distribuição de renda, do déficit habitacional no país e da exclusão social. Com a expansão urbana, a migração da população rural para o espaço urbano em busca de uma melhor qualidade de vida e trabalhos que, em sua maioria era muito mal remunerados, somatizado à histórica dificuldade do poder público criar políticas habitacionais adequadas, são fatores que têm levado ao crescimento dos domicílios em favelas. Como Maricato (2001): “A magnitude do crescimento de favelas nas cidades grandes e médias, em

todo país, apresenta um presente preocupante e a possibilidade de um futuro dramático.”

Os locais de favelização são foco de uma série de problemas, afinal, além da condição jurídica que reduz as relações dos ocupantes com sua moradia – em grande parte dos casos os moradores não tem a posse das propriedades -, como diz Maricato (2001), “as favelas implicam em exclusão ambiental e urbana, isto é, são áreas mal servidas pela infraestrutura e serviços urbanos (lazer, água, esgoto, coleta de lixo, drenagem, iluminação pública, varrição, transporte, telefonia, etc.).” Outro fator está na exclusão, que não se refere apenas ao território, mas sim aos próprios seres humanos que são objeto de preconceito e rejeição dentro da sociedade.

Em Piracicaba o crescimento das favelas ocorreu no início dos anos 70, devido à construção de um parque industrial e a implantação de algumas empresas multinacionais. Já no final desta década, segundo Siqueira Filho (1998) “havia em Piracicaba 6 favelas e, uma década

depois esse número já alcançava a 27, até que em 2013 com a continuada política de desemprego e exclusão social, somam-se 54 favelas com aproximadamente 30 mil moradores, representando 10% da população da cidade.”

O loteamento irregular denominado Jardim Glória, mais popularmente conhecido como Favela Frei Sigris é faz parte dessa gama de favelas em Piracicaba, e será o objeto de estudo deste trabalho. O loteamento está localizado em um bairro na região Oeste de Piracicaba, denominado Vila Cristina, um dos mais pobres de Piracicaba contendo altos índices de criminalidade, analfabetismo, pessoas em situação de desemprego, etc. A partir das pesquisas em campo é notável que os arredores da favela são bastante precários, mesmo que com a infraestrutura básica de rede de água, esgoto, eletricidade, nota-se a falta de equipamentos de lazer, cultura, formação técnica e profissional que possam proporcionar aos moradores uma vida mais saudável e prazerosa, visando a melhoria da qualidade de vida destes para que possam viver com mais dignidade e alegria.

A escolha da favela Frei Sigris aconteceu em uma visita ao Bairro Vila Cristina, carente e bastante necessitado de equipamentos públicos, onde contém uma grande parcela

das favelas da cidade de Piracicaba. A favela Frei Sigris é muito antiga, e, portanto bastante conhecida por ser alvo constante das promessas de muitos políticos da cidade. Além da carência do local, principalmente no quesito de lazer, esta é bastante peculiar no que diz respeito à arquitetura: palmeiras imperiais foram plantadas na rua principal da favela e em volta da igreja; há diversos jardins muito bem cuidados em alguns pontos; os muros de contenção que foram construídos pela própria população são extremamente bem-feitos com pedras; além disso, a união e a força de vontade de todos os moradores, que sempre trabalham em mutirão, foram fatores importantes na escolha do local.

O principal objetivo desse trabalho consiste na criação de um equipamento público de lazer e aprendizado para os moradores da favela Frei Sigris para que eles possam ter uma vida mais digna e prazerosa. O local terá a função estimular a criatividade dos moradores e o exercício da cultura, proporcionando uma vida saudável. Este equipamento foi projetado respeitando as exigências técnicas e visando “casá-las” com a estética que foi pensada de forma que regaste os valores da cultura local, utilizando elementos da própria favela, e combinando-os com novos, de forma que

o final fora totalizado em uma obra interessante, confortável, que atenda as reais necessidades de todos, e que, principalmente, tenha um conceito e um partido arquitetônico fortes. Além do projeto final, o entendimento da dinâmica das favelas nas cidades médias – que são cada vez mais crescentes nos países subdesenvolvidos- foi fundamental para a realização do equipamento, uma vez que fora entendido que cada favela possui peculiaridade, e cada local possui uma necessidade.

Para o desenvolvimento desse projeto, discute-se, primeiramente os conceitos de urbanização e favelização depois apresenta-se o município de Piracicaba e o conceito no qual surgiu a favela Frei Sigrist. Por fim, são propostas diretrizes de urbanização e o projeto de um local para atividades de cultura e lazer.

2. URBANIZAÇÃO E FAVELIZAÇÃO

“Favela, semifavela e superfavela...a
isso chegou a evolução das cidades”

Patrick Geddes

O urbanista norte-americano Davis (2006) , de acordo com seus estudos afirma que mais de 1 bilhão de pessoas vivem em favelas nas cidades do sul do mundo. Em relação ao Brasil, através dos dados do Censo 2010 realizado pelo IBGE, há um total de 11.425.644 pessoas. O censo de 2000 apontava 6,5 milhões, ou seja, praticamente dobrou o número de pessoas - morando em favelas ou aglomerados subnormais, o que corresponde à 6% da população do país.

E ainda, Davis (2006) cita o fato de que a população residente em favelas vem crescendo ao longo dos anos, e cita o exemplo de São Paulo: “em 1973, as favelas paulistanas abrigavam apenas 1,2% da população. Ao longo dos anos 1990, o salto foi para 16,4% de seus moradores.”

A questão da favelização está ligada intimamente à urbanização e é sabido que ao longo do século XX, o Brasil vivencia um processo intenso de urbanização, o que acarretou grandes mudanças na distribuição demográfica em seu território. A população, que antes era dispersa e heterogeneamente distribuída pelo espaço rural, passa a migrar para as cidades, acarretando em transformações na estrutura produtiva, na concentração de oportunidades de trabalho e serviços nas cidades e aos investimentos predominantemente urbanos, às inovações tecnológicas, entre outros.

Todavia, este verdadeiro surto de urbanização ocorre dentro de um cenário em que os processos de planejamento urbano e regional, em suas diferentes escalas, permaneciam estanques à nova realidade. Pautados na tecnocracia, os instrumentos de planejamento gerados neste período, não privilegiaram o combate às desigualdades, muito menos as questões mais prementes, centrando-se isto sim, em questões estruturais associadas a

horizontes distantes que inviabilizaram sua implementação. (VILLAÇA)

Portanto, esse alto crescimento urbano, acarretou em uma série de problemas no que tange ao desenvolvimento das cidades, não apenas socialmente, mas urbanisticamente, pois na ausência e carência de uma política urbana elaborada e reguladora na aplicação de instrumentos de gestão do solo urbano, as cidades crescem em meio à desordem, disparidade sócio-espacial e também à mercê de especuladores imobiliários.

Assim, fora inevitável a ocorrência de ocupações ilegais no solo urbano e ao aumento gradativo destas nas metrópoles, que também, vem aumentando gradativamente nas cidades médias. De acordo com uma pesquisa do Censo realizada pelo IBGE em 2001, 23% das cidades brasileiras têm favelas ou moradias precárias. A proporção sobe pra 80% nas cidades de 100 a 500 mil habitantes, e para 100% nas cidades com mais de 500mil.

(...) a intensidade do processo migratório campo cidade que configura uma reversão demográfica: se aproximadamente 10% da

população era urbana no final do século XIX, no final do século XX aproximadamente 20% dela é rural. Essa grande massa que se instalou nas cidades, o fez por sua própria conta e risco. Nessas condições podemos dizer que a ocupação ilegal de terras é parte intrínseca desse processo. Ela é, de fato, institucional. (MARICATO, 2003, pág. 158)

Diante de todo esse contexto há muitos estudiosos e pesquisadores que procuram definir o que é a favela e quais são suas características em prol de avaliar o problema e buscar as possíveis soluções ou medidas que amenizem os problemas, mas é importante salientar que cada ocupação possui características próprias, diferenciadas que variam de acordo com o local que foi ocupado, com o estilo das moradias, com os moradores e o modo em que vivem – em um tópico mais a frente será abordada a peculiaridade das favelas.

2.1 DEFINIÇÕES

Em 1960 o IBGE definia favela como “aglomerado localizado em áreas não urbanizadas, constituído de habitações rústicas e improvisadas, construídas em terrenos de terceiros (governo, particulares, ou domínio não definido)”. Recentemente, para os estudos do censo de 2010, como já citado acima, o IBGE, divulgou sua definição para as moradias irregulares:

É o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características seguintes: - irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou - carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública)."

A definição de 1960 cita as moradias rústicas, ou seja, moradias que eram feitas de papelões, pedaços de madeira, totalmente improvisados. Assim, eram constituídas as casas das favelas, mas esse quadro foi mudando com o aumento das construções nas favelas em alvenaria. Hoje, mesmo que haja ainda casas de papelão, restos de madeira, a alvenaria é bastante popular nas favelas, e contribuiu para as mudanças de definições. Além disso a questão da falta de infra estrutura básica e melhoramentos públicos também é um fator que vem contribuindo para a mudança significativa nas favelas, pois hoje, há muitos arquitetos, engenheiros e urbanistas investindo em reurbanizações dentro de favelas. Muitas favelas hoje já conquistaram a infra estrutura básica - energia elétrica, água e esgoto encanado - e ganharam investimentos no nível da requalificação urbana.

Outras duas definições são de Pequeno (2008) que define “Favela [...] é entendida como forma de assentamento precário, composta por famílias de baixa renda, ilegalmente

ocupada, com densidade intensiva de ocupação do solo, carente de infra-estrutura, com dificuldades no acesso aos serviços urbanos e em condições insalubres de moradia, dadas suas dimensões e seu desconforto ambiental” e por Maricato(2002): “O que define a favela é a completa ilegalidade da relação do morador com a terra. Trata-se de áreas invadidas”.

É perceptível que o que não se discute é a questão da ilegalidade das favelas quando iniciadas, que sempre estão em situação ilegal como fruto de ocupações e podem vir a legalidade através de regularizações fundiárias.

(...)em geral a ilegalidade pode estar na burla às normas urbanísticas: diretrizes de ocupação do solo, dimensão dos lotes, arruamento, áreas públicas e institucionais, que devem ser doadas para o poder público, estão entre as mais comuns. Há casos, entretanto, em que a ilegalidade está na documentação de propriedade, na ausência da aprovação do projeto pela prefeitura ou

no descompasso entre o projeto aprovado e sua implantação. (MARICATO, 2002)

A questão da ilegalidade, portanto, envolve uma série de consequências para a cidade e seu funcionamento, e as relações urbanas e sociais.

Todavia, independente de como se dá a ilegalidade, é importante compreender o porquê há a ilegalidade, ou seja, está intrinsecamente ligada a intensidade do processo migratório campo/cidade o que provocou uma reversão demográfica, e consequentemente gerou grandes procuras por terra e a dificuldade em adquiri-la, desemprego, baixos salários, dentre outros fatores. De acordo com essas condições a população não encontra alternativa a não ser a invasão como afirma Maricato (2002, p. XX): “Na cidade, a invasão de terras é uma regra, e não uma exceção. Mas ela não é ditada pelo desapego à lei ou por lideranças que querem afrontá-la. Ela é ditada pela falta de alternativas.”

A falta de alternativas, portanto, se dá na ocupação de territórios rejeitados pela maioria da população e pelo mercado imobiliário privado e nas áreas públicas – muitas vezes abandonadas ou subutilizadas - , pois são situadas em

regiões desvalorizadas: beira de córregos, encostas dos morros, terrenos sujeitos a enchentes ou outros tipos de riscos, regiões poluídas ou áreas de proteção ambiental (onde a vigência de legislação de proteção e ausência de fiscalização definem a desvalorização.). Assim, a qualidade de vida da população é péssima, o que contribui para uma série de problemas e reflexos negativos na sociedade como um todo.

Esse quadro está totalmente ligado à questão da segregação urbana e a exclusão social e ambiental. De acordo com Villaça (2012): “Nenhum aspecto do espaço urbano brasileiro poderá ser jamais explicado/compreendido se não forem consideradas as especificidades da segregação social e econômica que caracteriza nossas metrópoles, cidades grandes e médias”, sendo que o mesmo afirma que a segregação social só poderá ser satisfatoriamente entendida se for articulada explicitamente com a desigualdade, que escancara as mais profundas diferenças sociais e econômicas entre os seres humanos visível nas cidades.

A segregação urbana abrange a dificuldade de acesso aos serviços e infra-estrutura urbanos e a população precisa

sujeitar-se a um transporte precário, um saneamento deficiente, a drenagem inexistente, a dificuldade de abastecimento, o difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, e estão completamente sujeitos a riscos de enchentes e desmoronamentos, por se instalarem, em sua maioria, locais desinteressantes ao mercado imobiliário: alta declividade, beira de encostas, etc. A segregação atinge as próprias oportunidades desses moradores informais no que se diz respeito a oportunidades de emprego que ficam reduzidas e muitos acabam trabalhando informalmente, pois também possuem menos oportunidades de profissionalização, além da maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. Portanto a desigualdade abrange conceitos relacionados a exclusão social, inclusão precária, segregação territorial, informalidade, ilegalidade. Assim a população segregada, em sua maioria, sofre com as más condições de vida, preconceito, o que dificulta a sua vida na dita cidade formal, sendo notável, que a exclusão é como um todo territorial, ambiental, econômica, racial, cultural, etc.

Apesar de todos esses problemas muitas vezes as políticas públicas não são eficazes para melhorar e avançar diante deste grande problema das cidades brasileiras. Atualmente está cada vez mais comum as intervenções e urbanizações em favelas que procuram minimizar o sofrimento da população que as habita. Além disso, o processo da regularização fundiária, que está intimamente ligado à urbanização, e também é uma alternativa encontrada pelos governadores de mascarar e minimizar o problema já que seria mais trabalhoso pensar em remoções e realocações da população.

Lefebvre (1968) já questionava as possibilidades de se construir uma cidade onde todos possam ter seus direitos de educação, lazer e moradia assegurados de forma equitativa. Mas infelizmente esse direito não é assegurado, o que não significa que não há nada a ser feito, pois, embora as intervenções em favelas não resolvam os problemas das “cidades ilegais” podem proporcionar uma grande melhora na qualidade de vida da população. É importante salientar que ao propor qualquer intervenção no local é necessário

compreender a dinâmica deste e da população que o habita, e não simplesmente propor algo incompatível com os verdadeiros desejos da população.

2.2 ESTÉTICA DAS FAVELAS E SUA PECULIARIDADE

A exposição do artista plástico Henrique Oliveira, *A Transarquitetônica*¹ exibida este ano no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da Universidade de São Paulo (USP), nos mostra as diferentes formas de “abrigo” que foram constituídas pelo homem ao longo dos séculos desde a época das cavernas até as o racionalismo das construções atuais sugerindo uma discussão poética. Essa exposição instiga e inspira a percepção do contraste do racionalismo versus a “improvisação”, que é retratada no trecho da instalação que se assemelham aos “puxadinhos” das favelas.

¹ Instalação feita pelo artista e, visitada pela autora deste trabalho em Junho este ano, que propõe uma discussão poética sobre a história da arquitetura, do racionalismo das últimas décadas aos abrigos e cavernas do passado.

Este trecho da instalação – foto 1 - exhibe uma explosão de cores, texturas, materiais, típicos das construções de favelas, onde tudo é muito improvisado e diferentes materiais são utilizados nas construções dos barracos – mesmo que, atualmente, há uma grande parte das construções de casas de alvenarias nas favelas, a improvisação de esquadrias, alvenarias pintadas ou não, caixas d'água a mostra ou não, dentre outros, a mistura de texturas e cores é visível.

É
Figura 1: Transarquitetônica de Henrique Oliveira. Trecho do “Puxadinho”



Fonte: Benjamin Starr, 2014.

É notável que a estética das favelas é diferenciada e peculiar em relação às ditas cidades formais – expressão utilizada por muitos autores para diferenciar as cidades informais ou ilegais, das cidades formais ou legais, que são os locais da cidade em que as construções e seus terrenos estão em acordo com a legislação do município, o que não ocorre nas cidades informais.

Essa estética diferenciada foi explorada pela arquiteta e urbanista Paola Berenstein Jacques (2001) em seu livro *Estética da Ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica* em que relata seus primeiros contatos com as favelas cariocas através do caminho que ela fazia para ir à faculdade, em que passava por um trecho da favela da Maré e o segundo contato foi em Paris, através das obras de Hélio Oiticica na Galera Nacional do Jeu, que expôs obras inspiradas no que viu e aprendeu sobre a arquitetura das favelas no tempo que morou em uma e experimentou o samba da Mangueira.

A expressão Ginga sugere exatamente a ginga ou o “jeitinho” do povo brasileiro:

O princípio do jeitinho seria então um modo de fazer que passaria por um desvio das normas habituais, e até mesmo das leis, seja para um lado, que leva à criatividade, ou para o outro, que leva à corrupção. Essa linha entre criatividade e corrupção também é bastante maleável e instável. O próprio termo tem relação direta com o corpo, com o jogo de cintura, com o requebrar do andar do malandro, o que chamamos de *ginga*. A *ginga* seria a expressão física do *jeitinho*, representação corporal, que pode ser vista tanto na capoeira, no samba, no futebol quanto nos favelados-construtores das favelas. (JACQUES, 2006, pag.7)

E todo esse jeitinho é expressado nas construções ou melhor, nas auto-construções das casas e barracos das favelas, que conferem um desenho e características próprias, e tudo está intimamente ligado a uma cultura própria e criativa de sobrevivência às próprias necessidades.

As favelas, que são possuidoras de uma cultura espacial própria e estão inseridas com imponência, em muitos casos, em locais totalmente visíveis nas cidades, não podem mais ser ignoradas pela população, pelos profissionais da área ligada a arquitetura, urbanismo e engenharia e pela própria cidade, havendo a necessidade, portanto, da compreensão desses locais, e a análise das suas formas. Estas e os espaços das cidades informais diferem muito do das cidades formais, e Jacques (2006) a define como um espaço – movimento (pela lógica do dispositivo espaço-temporal, em que a temporalidade causa a diferença no espaço). Ela afirma que o espaço movimento não estaria ligado ao espaço físico em si, mas ao movimento do percurso e ao espaço que está em constante transformação, que está diretamente ligado aos atores (os sujeitos da ação) que são os próprios construtores e usuários dos espaços.

Essas características diferem das cidades formais, em que os espaços são fixos e quase estáticos (planejados, projetados e acabados) como a própria autora diz, em contrapartidas aos espaços das favelas, que estão sempre em constante movimento e transformação visto que não

possuem projeto prévio – as casas e barracos, em quase a maioria das vezes, nunca são acabadas, e sempre possuem algo a ser feito.

Outra característica bastante marcante das favelas são as construções em mutirão em que os moradores constroem suas próprias casas e em muitos casos ajudam os vizinhos com as suas, sendo realizado um trabalho realmente em equipe. É importante salientar, que essas características peculiares das favelas não as tornam iguais umas das outras, e sim bastante diferentes, pois cada uma possui sua história, sua população e se encontram inseridas em diferentes locais: muitas são planas em periferias, ou estão à beira de rios e córregos, ou estão em morros, invadindo áreas de preservação, etc.. Assim, é essencial que os arquitetos e urbanistas não desprezem essas peculiaridades, e ao intervir nesses locais, procurem preservar seus valores culturais.

3. PIRACICABA E O PROCESSO DE FAVELIZAÇÃO

Situado em uma das regiões mais industrializadas e produtivas do Estado de São Paulo, distando 158km da capital, o município de Piracicaba, de acordo com dados realizados em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), possui 364.571 habitantes e uma economia diversificada, porém alicerçada na produção agrícola e industrial, com destaque para os setores sucroalcooleiro e metal-mecânico.

Figura 2: Localização de Piracicaba no Estado de São Paulo.



Fonte: IBGE

Após a contextualização do Município foi realizado um breve histórico da cidade em prol de um melhor entendimento sobre a formação da cidade desde o primeiro encontro de desbravadores com o rio e suas decisões de usufruí-lo até a crescente modernização da cidade e todo seu processo e de expansão, que culmina na caracterização e na formação da cidade e sua dinâmica, de modo que possamos entender melhor o bairro Vila Cristina, local onde está inserida a favela que é o foco do trabalho.

3.1 HISTÓRICO DE PIRACICABA

Após o término da euforia em busca de ouro para os lados de Minas Gerais muitos desbravadores começaram a voltar para o interior do Estado de São Paulo em busca de novos meios de aquisição de renda. Assim, segundo Neme (2009) esta teve seu povoamento iniciado em 1766 quando capitães fundaram uma povoação na foz do rio Piracicaba. Este seria muito importante como o apoio às embarcações que desciam o Rio Tietê, e um local bastante apropriado para

plantações que seriam ótimas fontes de renda, pois o local contribuiu para a fertilidade da terra, característica que atraiu muitos fazendeiros, ocasionando a disputa de terras.

A partir de 1836, como constata Neme (2009), deu-se um importante período de expansão, e a produção açucareira da cidade através das plantações de cana-de-açúcar, impulsionaram a construção dos grandes engenhos de açúcar, contribuindo para a mudança gradativa nas construções do Município. De acordo com o mesmo autor, em 1856 a Vila foi elevada à categoria de Cidade, o que atribuiu novas oportunidades de progresso e o estímulo do processo de urbanização, e assim, a porcentagem de escravos começou a diminuir e houve o aumento de trabalhadores assalariados para serviços próprios do meio urbano.

A segunda metade do século XIX foi caracterizada por uma crescente fase de urbanização, com um comércio cada vez mais intenso, com o desenvolvimento de certas atividades industriais, com novas formas de conforto e introdução de

importantes melhoramentos urbanos. O desenvolvimento da lavoura cafeeira, com todas as suas conseqüências- na mão de obra, no setor de transportes e comunicações -, mudava o panorama sócio econômico da cidade, atingindo todos os setores, ciências, artes, progresso material, formas de vida, permitindo grandes empreendimentos de fundo capitalista, que mudarão não só a paisagem social, como o próprio aspecto das cidades. (TORRES, 2009).

As principais obras que surgiram nesse período e que demonstram a evolução das características urbanas da cidade foram: (...)a construção da Ponte Nova, acima do Salto (1875), chegada da ferrovia, a Cia Ituana (1877), a organização das grandes escolas confessionais, o Colégio Piracicabano (1881) e o Colégio Nossa Senhora de Assunção (1883), a Santa Casa de Misericórdia (1883), o Serviço de Água (1887), o Mercado Municipal (1888) e a Telefonia (1889).(ELIAS NETTO).

Já no final do século XIX, Piracicaba apresentava os seguintes dados estatísticos: 2.252 prédios e 14 mil habitantes urbanos, distribuídos na área central, dados comprovados pelos estudos do professor Guilherme Vitti publicados no *O Diário de Piracicaba*, em 1954.

“Entre 1899 e 1901, a infraestrutura urbana da cidade estava sendo aos poucos construída: a rede de esgoto já abarcava uma grande parte da cidade, e em 1909 ela ganhou o posto da 5ª cidade paulista em população e a 2ª em Educação (número de escola por habitante), superando Santos e Campinas, principalmente com a formação da futura Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo. Em 1913 foi inaugurado o Matadouro Modelo, em 1916 começaram a circular os bondes elétricos e em 1922 chegaram os trilhos da Cia Paulista de Estrada de Ferro, novidades essas que trouxeram prestígio ao Município.” (ELIAS NETTO, 2000, pag. 31)

A dinâmica econômica e política da cidade favorável à industrialização, juntamente com o promissor mercado interno, teriam grande influência no processo de diversificação industrial de Piracicaba. A industrialização provocou à expansão demográfica e o desenvolvimento de outras atividades, como o comércio e os serviços, que transformaram a cidade em um centro urbano relativamente grande, já possuindo uma infraestrutura atraente para a instalação de novas indústrias e de investimentos externos, que chegariam em grande quantidade nas décadas seguintes. Somado à esse crescimento industrial, temos o crescimento populacional, que se deu juntamente com essa prosperidade, contribuindo mais ainda para a expansão urbana.

3.2 PIRACICABA: CRESCIMENTO POPULACIONAL, EXPANSÃO URBANA E OCUPAÇÃO DE ÁREAS IRREGULARES(FAVELIZAÇÃO)

A rápida urbanização e expansão urbana das cidades brasileiras aconteceram de forma desigual e predatória, acarretando em escassez de moradia e a consequente demanda por habitação. Este processo fomentou a

“clandestinidade das moradias, afinal, a população carente, almejando um local para residir, e diante da falta de opções, optou por locais de risco em áreas impróprias e invadidas, gerando bolsões de pobreza na cidade, a fragmentação do espaço e a segregação sócio espacial.

Na cidade de Piracicaba, de acordo Terzi (2001), as décadas de 70 e 90 foram impactadas por pelo Milagre Econômico do governo militar e pelo projeto de desconcentração industrial, que tinha como objetivo desenvolver industrialmente diversos municípios do interior, para geração de empregos, urbanização e crescimento econômico.

Assim, durante o II Plano Nacional de Desenvolvimento², cujo interesse era atrair mais indústrias para as cidades do interior, em 1972, Piracicaba inaugurou seu próprio Distrito industrial, estimulando o êxodo de trabalhadores vindos principalmente de outras regiões do estado de São Paulo para Piracicaba. Observa-se que entre

²Nessa época todo o governo tinha obrigação constitucional de lançar um plano nacional de desenvolvimento, para estimular a economia. Em Gremaud e Pires (1999 a) e (1999 b) encontra-se mais sobre o I PND e II PND, respectivamente.

os anos de “60 e 70 o crescimento populacional fora fator determinante na alta taxa de urbanização do período, que entre os anos de 60 e 70 foi de 83,33%”(BILAC, 1993)

O distrito industrial de Piracicaba contribuiu muito para o desenvolvimento econômico da cidade, mas também, contribuiu para a chegada de uma grande massa trabalhadora, especializada, principalmente após a chegada das fábricas Philips e Caterpillar. Esses trabalhadores especializados, por terem maior renda, pressionaram o valor dos aluguéis e dos imóveis, “expulsando” os antigos inquilinos, que forçosamente precisaram ocupar novos “bairros” em Piracicaba sem infra-estrutura, permitindo que a nova classe média ocupasse os bairros dotados de infra-estrutura na cidade.

Segundo Terci (2005), o Programa Proálcool criado em 1975 pelo Governo Federal também teve forte influência sobre a economia e a urbanização da cidade de Piracicaba. O objetivo do programa, além da produção e comercialização do álcool, era de conter o êxodo rural e a geração de empregos no campo, para que assim, a cidade não ficasse muito saturada devido às grandes transformações econômicas que

estavam ocorrendo. Embora, a desconcentração industrial, os Planos de Metas e o Proálcool tenham refletido de maneira positiva economicamente, e apesar da existência de uma classe média crescente no município de Piracicaba, o planejamento urbano não era suficiente para acolher todos os trabalhadores, e não havia infra estrutura e empregos o suficiente para toda a população. Somado à isso, “a mecanização e modernização da agricultura acentuaram a proletarização do trabalhador rural, e a utilização da mão de obra sazonal consolidou o emprego do trabalhador temporário na agricultura de cana-de-açúcar “ (GALLO, 2001)

Terci (2005) constata que essa massa trabalhadora, enquanto não participava do trabalho na colheita, pois era sazonal, passara a residir em Piracicaba, nos bairros periféricos e afastados. Assim, o crescimento populacional, somado à grande massa trabalhadora que vinha atraída não só pelas lavouras de cana, mas também pelas indústrias, que não possuía capacidade para absorver toda a massa, resultou na ocupação das áreas periféricas e de risco, pois não podiam arcar com os custos da moradia no centro da cidade.

O resultado pode ser observado pelos dados do IBGE, que afirmam possuir em Piracicaba 23 favelas com aproximadamente 10 mil habitantes, sendo que a população piracicabana na época era de 152.505 habitantes.³ Já em 2013, a cidade possui “54 favelas, com cerca de 30 mil moradores (quase 10% da população total do município)” (SIQUEIRA FILHO, 1998). Em Piracicaba a favelização é uma realidade persistente e crescente, principalmente por conta do aumento populacional. Da década de 80 em diante, a população piracicabana praticamente dobrou e atualmente a cidade possui 364.751⁴ habitantes e cerca de 97.7%⁵ dessa população vive em área urbana.

Entre 1989 e 2000, o perímetro urbano foi ampliado de 146,88 km² (Lei Municipal 3108/1989) para 164,04 km² (Lei Complementar 118/2000), num aumento total de 17,16km², ao passo que a população ampliou-se de 275.650 (estimativa IBGE) para 329.158 habitantes (Censo 2000/IBGE), passando a contar com

um total de 53.508 novos moradores. (OTERO, 2011, p. 10)

Em suma, a expansão urbana da cidade, de acordo com o Instituto Polis (1995) os vetores de expansão seriam em direção ao setor noroeste e sudeste do município, em que os bairros apresentaram as maiores taxas, com 35% a 37,5% de crescimento populacional em menos de dez anos.

Já em relação há densidade populacional, que é medida em número de habitantes por hectare, tem seu índice mais expressivo na região Sudoeste do município, que atinge os bairros Monte Líbano, Jardim Itapuã e Vila Cristina, sendo que este é o bairro que a favela Frei Sigrist se insere - o objeto de estudo.

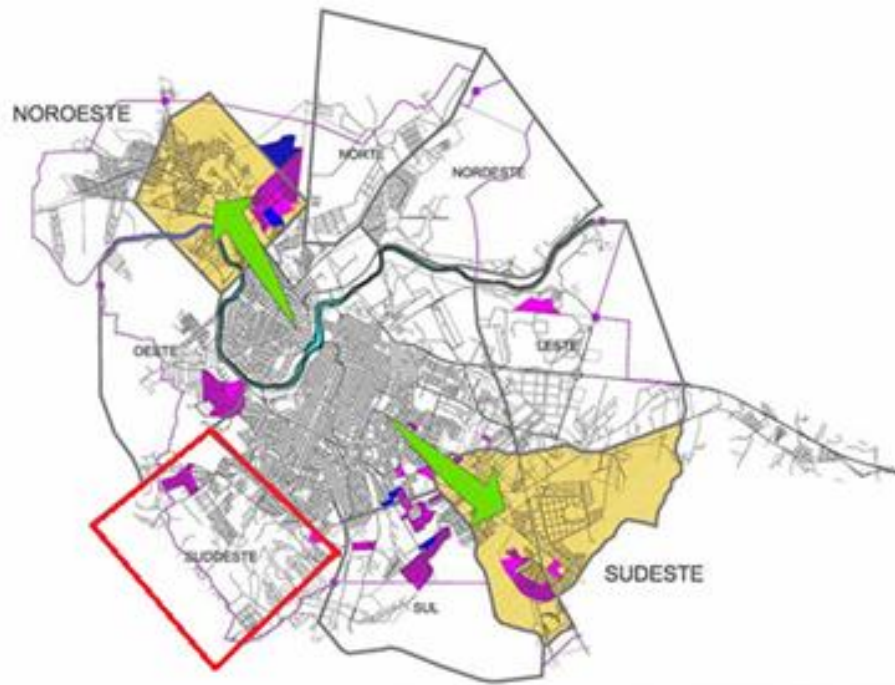
Essa região é a única a apresentar a densidade superior a 100 habitantes por hectare – sendo que o Vila Cristina possui os maiores índices: 115,95 hab./há - seguida das regiões central, sul e noroeste, com densidade entre 50 a 100 habitantes por hectare, de acordo com dados do IBGE - Censo Demográfico 2010 e Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP).

³ (Fonte: Acervo de publicações Especializadas e Dossiê de Informações Regionais.)

⁴ Fonte: Censo 2010/IBGE a

⁵ Fonte: Censo 2010/IBGE b

Figura 3: Vetores de Expansão de Piracicaba. Mapa2



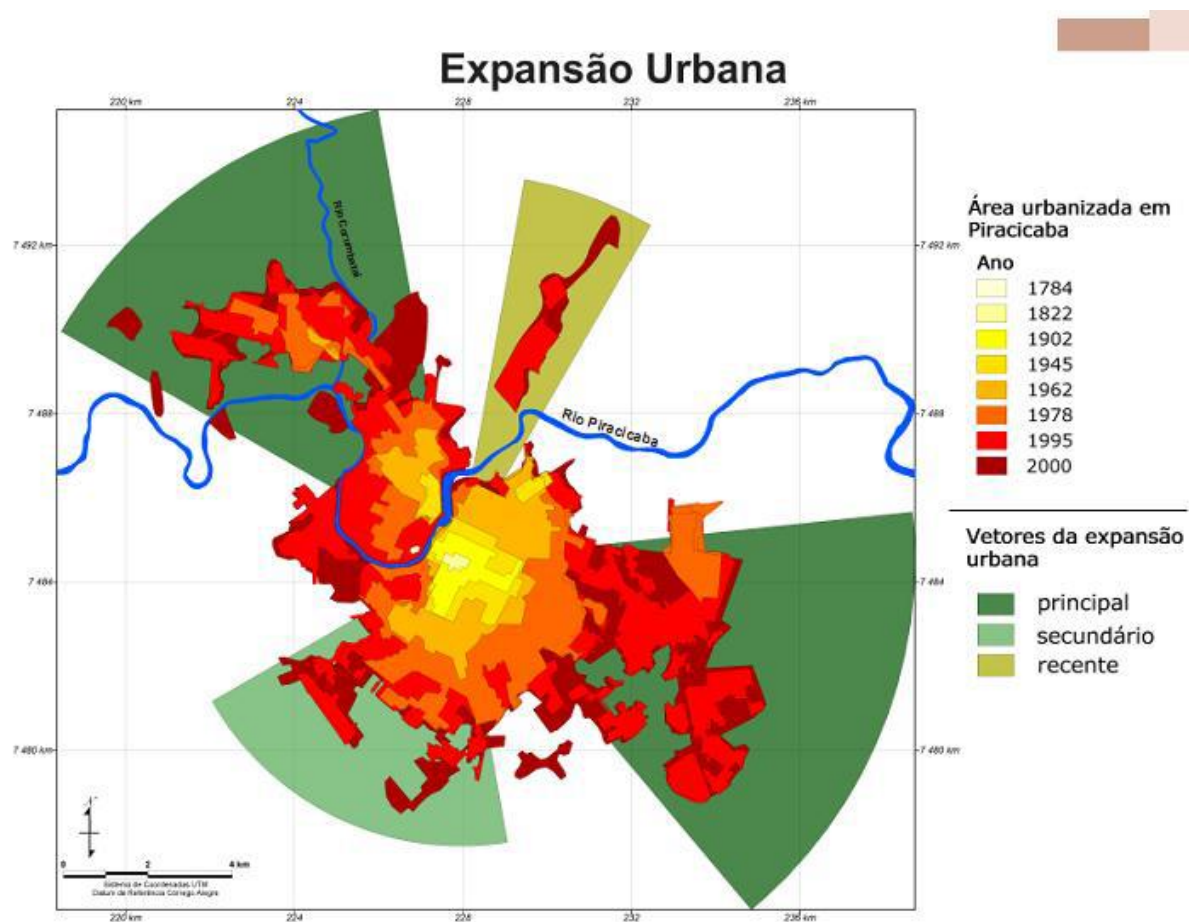
Fonte: IPPLAP na revisão do plano diretor em 1991. Adptado pela autora do projeto - destaque na região sudoeste.

Outro mapa que nos mostra através de fotografias aéreas realizadas para o estudo de expansão urbana de Piracicaba, é o mapa produzido pela Escola Superior de Agricultura (ESALQ) em 2006, para o Atlas Rural. Essas fotos

foram agrupadas e deram origem aos mosaicos digitais que serviram de base para digitalização dos polígonos de urbanização (Figura 4). É importante ressaltar que a ocupação urbana do bairro Vila Cristina, estudo deste trabalho, aconteceu na década de 50, até 1978.

Podemos concluir, portanto, que neste processo de crescimento e expansão urbana a população de menor renda vê na periferia a possibilidade de moradia a um menor custo, através dos loteamentos produzidos para famílias de baixa renda, ou através de invasões à áreas institucionais por não estarem urbanisticamente consolidadas, ou por serem áreas de riscos, e portanto, não interessantes para moradia. Assim, nessas áreas periféricas carentes, há sempre a ausência de algum serviço, seja ele relacionado à infraestrutura básica, seja relacionado à saúde e ao lazer.

Figura 4: Expansão Urbana de Piracicaba. Mapa 3



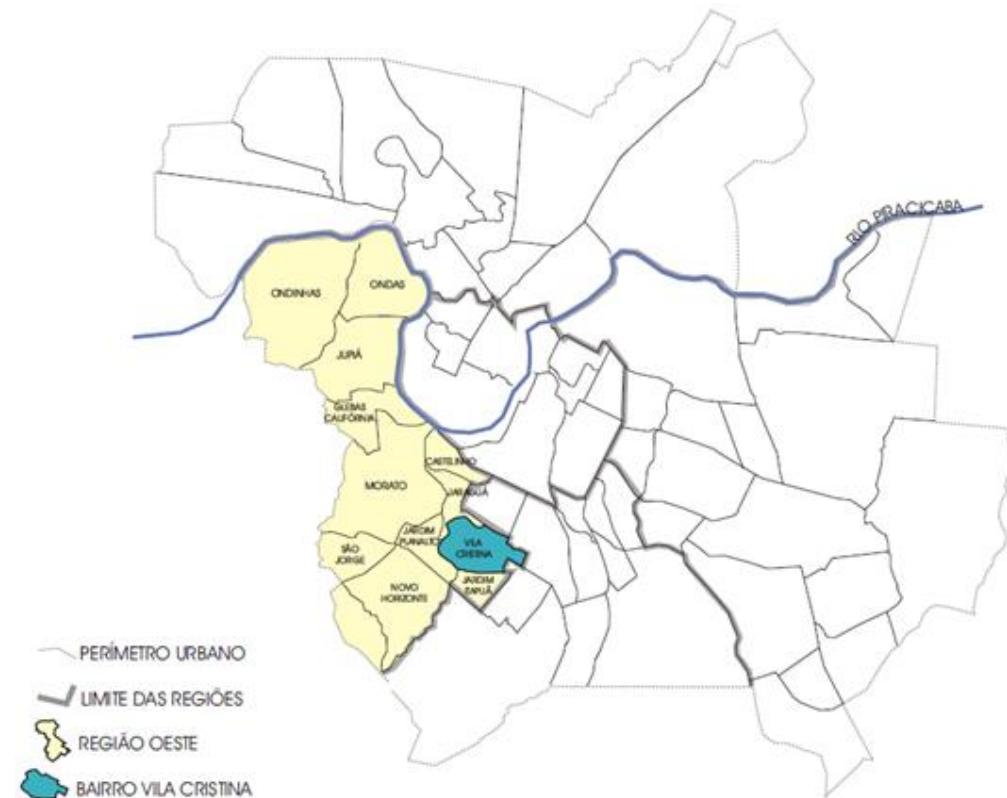
Fonte: ATLAS RURAL, 2006, ESALQ.

3.3 O BAIRRO VILA CRISTINA E [A FAVELA]

“Eu morei no Risca Faca, ali a turma brigava de faca direto. O povo era barra pesada, havia muita gente de outros Estados” **diz Maria Tereza Amstalden, antiga moradora do bairro, referindo o antigo apelido Risca Faca, ao bairro Vila Cristina**

O objeto de estudo, que é a Favela Frei Sigrist, é localizado no bairro Vila Cristina, que localiza-se na região Oeste - Figura 5 - de Piracicaba, a aproximadamente 4,5km do Centro da cidade, precisamente no setor Sudoeste – Figura 3. Antes de iniciar um estudo mais minucioso sobre a favela em específico, é importante o entendimento do bairro de uma forma geral.

Figura 5: Localização do bairro Vila Cristina



Fonte: Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP)

Tabela 1: DADOS GERAIS DO BAIRRO.

População Total (hab) – IBGE/2000	15.570
Densidade hab./ha	128,68
Área total o bairro (há)	124,50
Área ocupada do bairro (há)	121,00
Quantidade de equipamentos implantados	13
Área destinada ao sistema de lazer (há)	7,88

Fonte: IPPLAP (2004).

De acordo com os estudos do IPPLAP (2004) sobre os bairros do Município, o Vila Cristina, teve sua ocupação urbana iniciada na década de 40 e aos poucos foram chegando cada vez mais pessoas a procura de algum local para residir. O histórico da militância em prol de benfeitorias é uma das marcas dos moradores do bairro que sempre foram em busca de melhorias, independente das promessas feitas pelos Prefeitos de Piracicaba. Em entrevistas realizadas pela autora do trabalho nos dias 17 e 18 de maio deste ano foi perceptível que os moradores reclamam muito de diversas promessas feitas e nunca cumpridas.

Essa luta ferrenha está materializada em uma entrevista com o morador antigo do bairro, Mario Honório de Souza, o popular Bala, que conta a profunda transformação pela qual o bairro havia passado desde quando surgiu, e o resultado da organização dos moradores que, historicamente, lutam por benfeitorias e melhorias na localidade, como a chegada do asfalto nos anos 80 (JORNAL DE PIRACICABA, 1999). Hoje o bairro conta com a infra-estrutura necessária – água encanada, energia elétrica, rede sanitária.

O Vila Cristina é o bairro onde há a maior concentração de favelas da cidade de Piracicaba, e podemos observar as localizações destas no mapa da Figura 6, onde estão marcadas em vermelho, e seus dados através da tabela abaixo fornecida pelo IPPLAP:

Tabela 2: FAVELAS DO BAIRRO VILA CRISTINA E SUAS CARACTERÍSTICAS.

Nome da Favela		Bairro	Ano	Característica da área	Situação Jurídica	Numero de Habitações	Número de Habitantes
Jardim Glória (Frei Sigris)		Vila Cristina	1970	Normal	Área Verde	105	545
Jardim Borghesi		Vila Cristina		Normal	Área Verde	42	210
Jardim Conceição		Vila Cristina	1989	Normal, APP e Risco	Área Verde	46	250
Jardim Monte Branco		Vila Cristina		APP e Risco	Área Verde	94	375
Jardim Monte Cristo		Vila Cristina	1971	Normal	Área Verde	123	498
Nova Paulista		Vila Cristina		APP	Área Verde	16	55
Vila Cristina		Vila Cristina	1970	Normal	Área Verde e Particular	142	583
Jardim Ibirapuera		Vila Cristina	1988	Normal	Área Verde	10	50
Tatuapé I e II		Vila Cristina	1990	Íngreme, Risco e APP	Área da EMDHAP	363	1482

Fonte: IPPLAP (2004).



Fonte: Realizado pela autora do trabalho. Junho, 2014.

Através do estudo da área foi realizado um mapa de uso e ocupação – Figura 7 -, e é perceptível que o bairro é em grande parte residencial, concentrando o comércio e serviços ao longo da Avenida Raposo Tavares, como dito acima, com alguns pontos de comércio e serviços espalhados em algumas partes do bairro, mais distantes da Avenida, que são, em sua maioria, cabeleireiros, mecânicos, lojinhas de roupas e bares. As casas comerciais e de serviço que se estendem ao longo da avenida são bastante variados e se dividem entre mercados – na porção Leste do bairro há um super mercado da rede Beira Rio -, borracharias, moto táxis, moto peças, farmácias, cabeleireiros, despachante, materiais de construção, etc.

De acordo com mapa de equipamentos públicos de lazer produzidos pelo IPPLAP é constatado que existe quatro espaços em que o sistema de lazer foi implantado, mas através de visitas ao local a fim de confirmar os espaços existentes, fora notado espaços ou bastante precários e carentes de manutenção, ou espaços com pouca variedade de equipamentos de lazer, que muitas vezes não atendem as reais necessidades de toda população e as diferentes faixas

etárias. Em relação a saúde e educação, o bairro está bem servido de escolas de ensino fundamental e médio estaduais, creches e locais voltados a saúde da população – Tabela3.

Tabela 3: EQUIPAMENTOS DE EDUCAÇÃO E SAÚDE DO BAIRRO VILA CRISTINA

EUCAÇÃO - ESCOLAS	QUANTIDADE
Creche	3
Escola Municipal de Ed. Infantil	1
Escola Municipal de Ed. Infantil e Ensino Fundamental	2
Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio	1
SAÚDE	
UPA	1
UBS	1
CRAB	1
PSF	2
FARMÁCIA MUNICIPAL	1

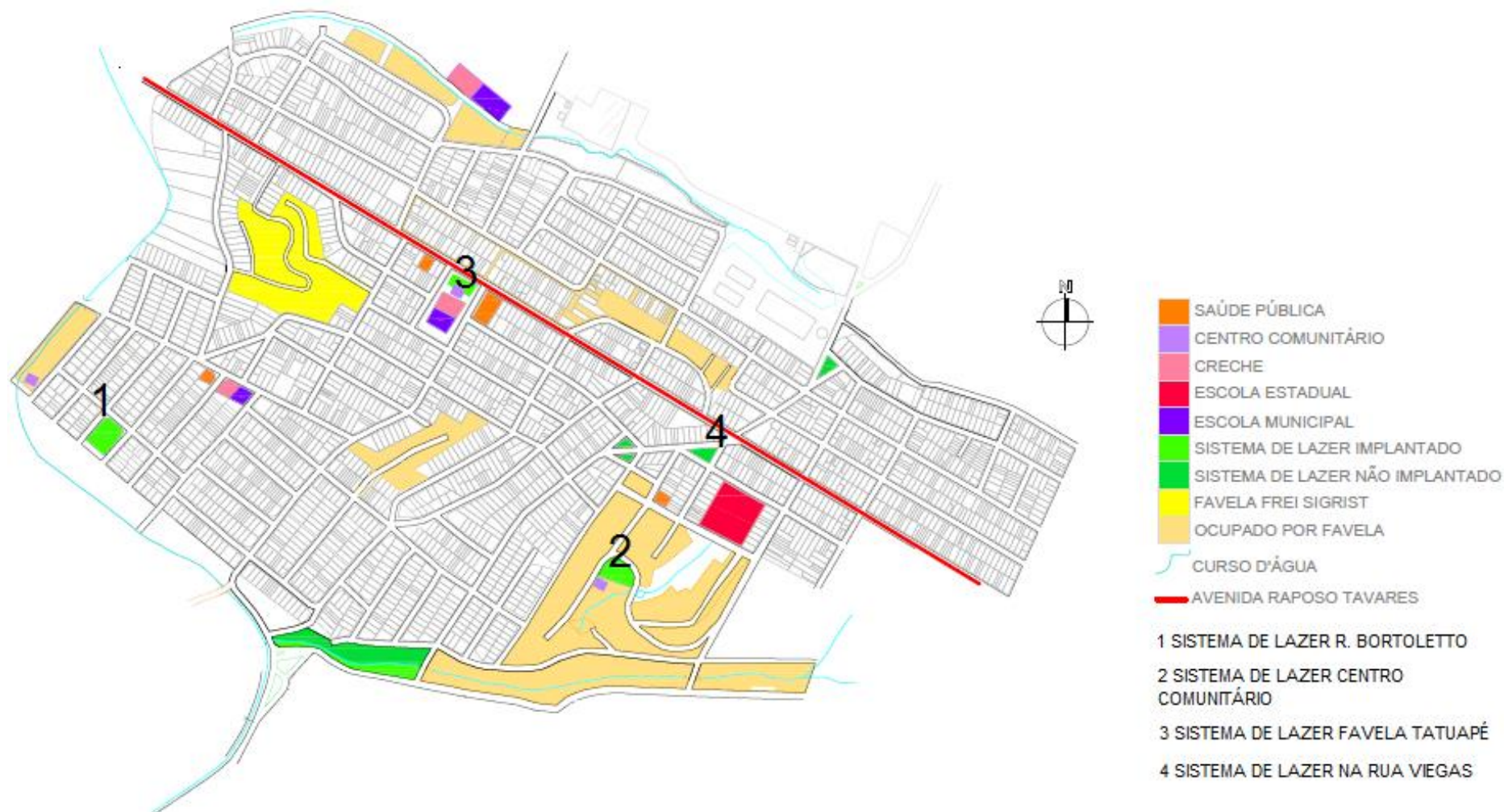
Fonte: Produzido pela autora do trabalho. Julho, 2014

:



Fonte: Realizado pela autora do trabalho. Junho, 2014

Figura 8: Lazer, Saúde e Educação. Mapa 7



Fonte: Realizado pela autora do trabalho. Junho, 2014.

1 SISTEMA DE LAZER NA RUA BORTOLETTO



Figura 9: Espaço de Lazer na Rua Bortoletto. Fonte: Autoria própria.

A área verde que possui um espaço de lazer para as crianças está em completo abandono, os bancos estão quebrados, não há iluminação suficiente e os brinquedos estão enferrujados. Os moradores também reclamaram que falta poda do mato no local e por vezes eles próprios fazem a manutenção. A falta de limpeza constante faz com que as folhas acumulem nas canaletas da praça, alagando a praça nos períodos de chuva.

2 SISTEMA DE LAZER NO CENTRO COMUNITÁRIO



Figura 10: Espaço de Lazer na Rua Bortoletto. Fonte: Autoria própria.

Este sistema de lazer fora implantado no espaço verde onde fica uma Escola Municipal, uma Creche e um Centro Comunitário, o primeiro do bairro, chamado Vila Cristina. O local público conta apenas com um playground, que também não está em ótimas condições de uso, porém a iluminação a noite é suficiente.

3 SISTEMA DE LAZER NA FAVELA TATUAPÉ



Figura 11: Espaço de Lazer na Favela Tatuapé. Fonte: Autoria própria.

Na favela Tatuapé, há um pequeno playground também com escorregador, balanço, gira-gira e gangorra, e um campinho de futebol, que também não estão nas melhores condições de uso.

4 SISTEMA DE LAZER NA RUA VIEGAS



Figura 12: Espaço de Lazer na Rua Viegas. Fonte: Autoria própria.

O local conta apenas com um singelo playground e alguns bancos para descanso.

A questão da mobilidade também foi analisada, e no Mapa 7 da Figura 13 abaixo nota-se o trajeto que faz o ônibus urbano por todo bairro Vila Cristina. Em destaque tem-se a favela Frei Sigrist que possui um ponto de

ônibus bem próximo da entrada da mesma, que é bem utilizado pelos moradores que em grande parte fazem o uso desse serviço como foi confirmado pelos próprios através de conversas em campo.



Figura 13: Itinerário do Trajeto do ônibus urbano no bairro Vila Cristina. Mapa 7. Fonte: Produzido pela autora.

É perceptível através das visitas e estudos que o bairro possui uma infra estrutura básica mas carece de equipamentos públicos de lazer planejados para atender todas as faixas etárias. É essencial, portanto, que espaços em prol de proporcionar diversão, cultura e entretenimento, sejam pensados para que estimulem a população a uma vida saudável e prazerosa. Por isso, a

:

proposta deste trabalho é voltada para o planejamento de um equipamento público de lazer , que será implantado na favela objeto de estudo – Favela Frei Sigrist – que funcionará como um estudo prévio para que futuramente sejam planejados outros equipamentos para as outras favelas que o bairro Vila Cristina contém.

4. A FAVELA FREI SIGRIST

A favela Frei Sigrist nasceu fruto de uma invasão na década de 70 de uma área verde da prefeitura que havia sido destinada ao lazer do Loteamento Jardim Glória de acordo com o depoimento de Dozinho, um dos primeiros moradores da favela, que foi coletado em julho de 2014 pela autora do trabalho. A favela permaneceu em condições precárias e só

na década de 80, com a visita do Frei Sigrist ao local, e seu interesse pelo mesmo, que se deu a reforma e construção de novos barracos, bem como o “aprimoramento” do local com a supervisão do religioso. Abaixo segue, na Figura 14, um mapa produzido por José Salton Farto em 1960, do loteamento Jardim Glória aprovado pela prefeitura de Piracicaba, e em destaque a antiga área verde da prefeitura que foi ocupada pelos moradores da atual favela Frei Sigrist.

Figura 14: Planta do Loteamento Jardim Glória, com destaque para a área verde que seria destinada ao lazer dos moradores.



Fonte: Adaptado planta projetual de José Salton Farto, fornecida pelo IPPLAP.

4.1 HISTÓRICO DA FAVELA E O FREI SIGRIST

“No princípio era a idéia: Missão.
 No princípio era o sonho:
 apenas viver entre os pobres,
 como pobre e para os pobres.
 Foi assim que a idéia se fez sonho
 e o sonho se fez idéia:
 “Vida e Regra de Francisco”.
 Não do Francisco de Assis
 mas do Francisco do Glória,
 que pela fé e doação,
 idéia e sonho se fizeram ação.”

Frei Francisco Erasmo Sigrist

Através de uma entrevista realizada com Dozinho⁶, foi relatado que tudo se iniciou quando 4 famílias chegaram ao bairro Vila Cristina na década de 70, e se depararam com uma imensa área verde – propriedade da Prefeitura - sem uso. Os representantes das famílias foram até a prefeitura conversar com João Herrmann Neto – Prefeito do Município

de Piracicaba no período de 1977-1983 -, sobre uma possível ocupação do local e esse adotou uma postura indiferente ao ato, o que encorajou as famílias a se instalarem ali mesmo. Assim foi dado início às construções modestas das primeiras casas da favela, realizada pelas próprias famílias em mutirões.

Na década de 80 a comunidade, que já estava com 7 famílias, recebeu a visita de alguns freis da região, e dentre esses estava Frei Sigrist, o futuro mentor do projeto atual do local. Comovidos com a situação daquelas primeiras famílias e com desejo de mudança, os freis permaneceram 3 anos no local, coordenando a Fraternidade Nossa Senhora da Glória, no Jardim Glória – loteamento onde se insere a favela Frei Sigrist – e junto à população, promovendo reuniões para que um futuro projeto vingasse. De acordo a Província dos Capuchinhos de São Paulo Imaculada Conceição (PROCASP), que conta a história do Frei, este havia estudado teologia na Maximilian Universihit, em Würzburg, na Alemanha nos anos 1980 a 1983, e retornou ao país em prol da arrecadação de verbas para dar início à urbanização da

⁶ Dozinho foi um dos primeiros moradores da favela que participou de todo processo de construção da mesma.

favela e a concretização de seu sonho, que era ajudar aquelas famílias.

Em 1985, após uma grande parte da verba arrecadada com as entidades religiosas da Alemanha, Sigrist deu início ao trabalho de urbanização da favela, que já estava com 130 famílias. O Frei faleceu em 1998, e as 130 famílias que já

Figura 15: Famílias em mutirão no final da década de 70.



Fonte: acervo pessoal Dozinho

residiam na favela permaneceram sem apoio durante um tempo. Em 2001 até 2004, que foi a gestão de José Machado em Piracicaba, as lutas voltaram à tona pelos próprios moradores, que conseguiram nesse período que fossem instaladas as redes de iluminação e esgoto na rua principal, e depois em 2005, foram instalados nas outras ruas da favela pelo Deputado Federal Antônio Carlos Mendes Thame.

Figura 16: Favela Frei Sigrist no final da década de 70.



Fonte: acervo pessoal Dozinho.

Após 12 anos do falecimento do Frei, a Prefeitura de Piracicaba, por meio da Empresa Municipal de Desenvolvimento Social de Piracicaba (EMDHAP) representada pelo Presidente Walter Godoy dos Santos, entregou oficialmente, no dia 18 de outubro 2010 o restauro do “barraco” onde o Frei morava e a oficialização do seu tombamento (Figura 17). Para a recuperação do espaço, localizado na principal rua do bairro, denominada de Frei Sigrist, foi realizado um o levantamento fotográfico interno/externo para a fiel recomposição – o barraco foi feito de tapumes de construção; limpeza do entorno; corte de mato, higienização e a descupinização.

Figura 17: Placa do memorial de Restauro.



Fonte: acervo pessoal.

“(...) Queremos dizer mais: em cada casa, em cada lar do Jardim Glória II tem alguém para falar de sua amizade e de sua bondade, pois para ele éramos todos iguais, sem distinção de cor, religião e de situação econômica. Ele deixou um grande vazio em nossos corações e em nossas vidas. (...)”

Mensagem de homenagem dos moradores da favela Frei Sigrist ao Frei após a sua morte.

Figura 18: Frei Sigrist no Quintal de sua casa, 1996.



Fonte: acervo pessoal Dozinho.

4.2 CARACTERÍSTICAS MARCANTES DA FAVELA

A favela Frei Sigrist possui características bastante expressivas e diferenciadas, que foram pensadas e planejadas pelo próprio frei Sigrist. A rua principal da favela ganhou o nome de Alameda Frei Sigrist e possui palmeiras imperiais (*Roystonea oleracea*) ou reais - Figura 19 e sua localização na Figura 21 na marcação 5 em verde - plantadas pela própria população - Figura 20 - com a ajuda do

Frei ao longo dela e em alguns pontos da favela, utilizadas pelo mesmo com um desejo de marcar uma certa imponência da favela e ressaltar sua importância no bairro.

Figura 19: Alameda Frei Sigrist, rua principal da Favela



Figura 20: População plantando as palmeiras imperiais com a ajuda do Frei Sigrist.



Fonte: acervo pessoal de Dozinho.

Figura 21: Vista aérea da favela Frei Sigrist.



Fonte: Google Earth Pro 2013, modificado pela autora.

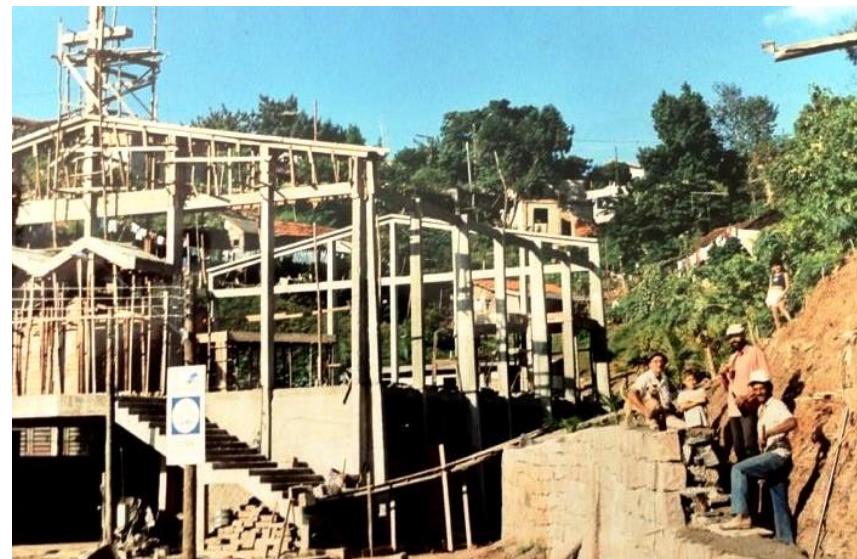
Logo ao fim da alameda podemos observar a igreja da favela, cujo nome é Fraternidade Nossa Senhora da Glória, que fora construída com a ajuda de toda comunidade - Figuras 23 e 24- e também possui palmeiras imperiais plantadas de forma que “emolduram” a construção e a ressaltam -Figura 22 .

Figura 22: Igreja Nossa Senhora da Glória.



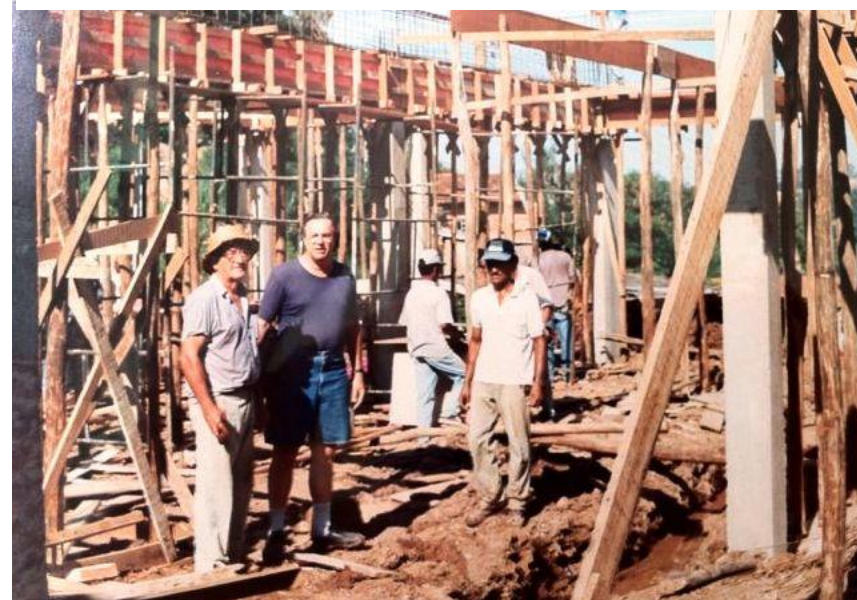
Fonte: acervo pessoal da autora, Julho 2014.

Figura 24: Comunidade e a Construção da Igreja.



Fonte: acervo pessoal Dozinho.

Figura 24: Frei Sigrist e a Construção Da Igreja.



Fonte: acervo pessoal Dozinho.

Outros elementos intrínsecos da favela, são os muros de contenção que foram construídos em mutirão pela própria comunidade com supervisão do frei Sigrist –Figura 26 - e os jardins que se encontram espalhados ao longo da favela figura 27. Os muros foram feitos com pedras e são um grande destaque para quem adentra a comunidade - Figura 25- , e os jardins, compõe, juntamente com a alegria dos moradores, a vida ao local, contribuindo para um cenário cativante e diferenciado.

Figura 25: Vista de um dos muros de contenção da favela.



Fonte: acervo pessoal

Figura 26: Mutirão para construção dos muros de contenção.

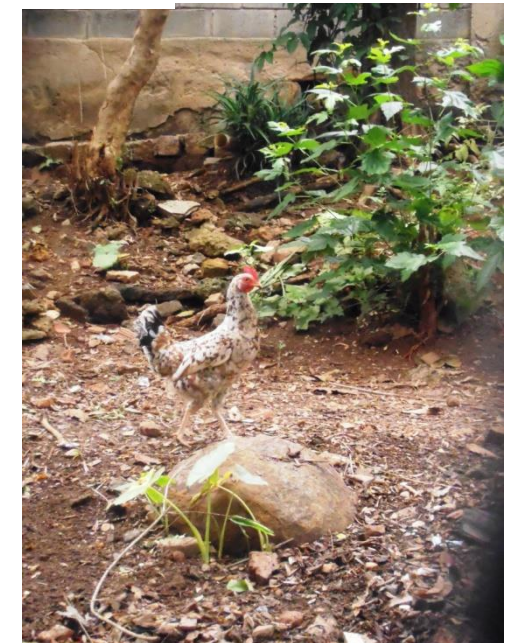


Fonte: acervo pessoal Dozinho

Figura 27: Detalhe de um dos jardins da favela.

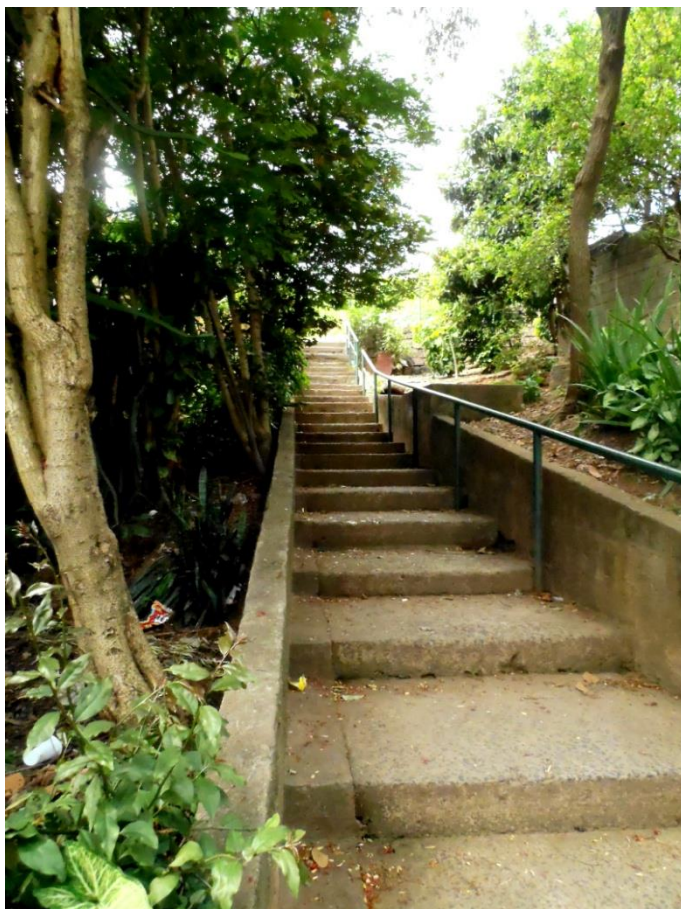


Fonte: acervo pessoal



As escadarias -Figura 28 -, que são bastante comuns e necessárias na maioria das favelas, foram construídas em mutirão pelos moradores -Figura 29 – e possuem jardins ao longo das mesmas.

Figura 28: Vista de uma das escadarias da favela.



Fonte: acervo pessoal.

Figura 29: Construção de uma das escadarias pela população.



Fonte: acervo pessoal Dozinho.



As casas, no início da favela, foram construídas de retalhos de madeira usados e tapumes - Figura 30-, e ao longo dos anos, as construções foram se aprimorando, e com a verba conseguida pelo frei em sua viagem à Alemanha, as casas passaram a ser construídas, também em mutirão, em alvenaria –Figura 31.

Figura 31: Processo de construção das casas favela em alvenaria.

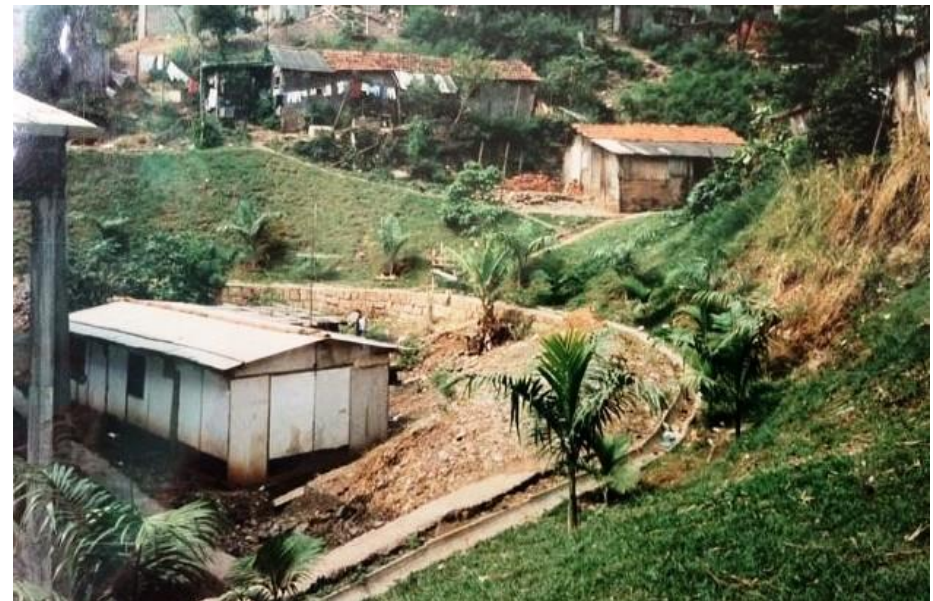


Fonte: acervo pessoal Dozinho.

Figura 30: Vista de uma das primeiras casas com tapumes e materiais descartados.



Fonte: acervo pessoal Dozinho.



“Não descansávamos até as casas ficarem prontas.. Era sempre por família: quando terminava uma casa, comemorávamos, e no dia seguinte já partíamos para a construção de outra casa, e assim era nossos dias e nossas noites, até que todas as famílias da comunidade tivessem abrigo!”

Dozinho relatando o esforço da comunidade em uma das entrevistas realizadas pela autora do projeto.

Figura 31: Frei Sigrist em obra.



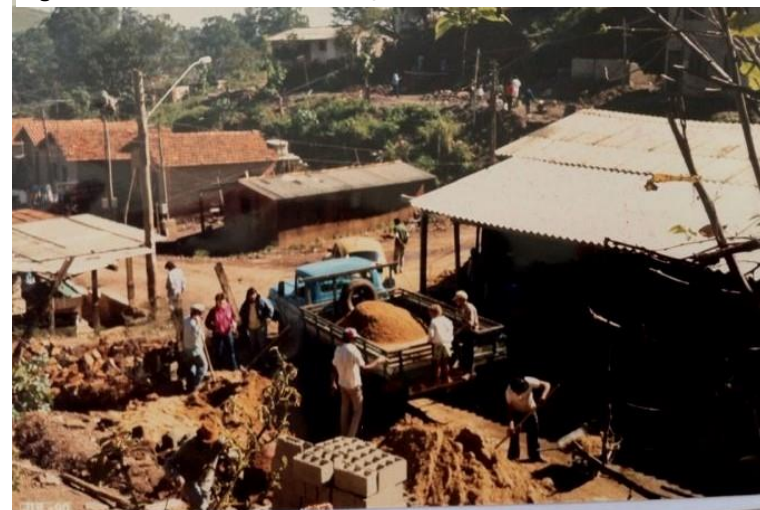
Fonte: acervo pessoal Dozinho

Figura 32: Frei Sigrist lecionando a catequese às crianças da comunidade.



Fonte:acervo pessoal Dozinho.

Figura 33:Processo de construção das casas.



Fonte:acervo pessoal Dozinho.

4.3 A QUESTÃO JURÍDICA

Até 1996 as terras que foram invadidas pelos moradores da favela Frei Sigrist, ainda pertenciam à prefeitura de Piracicaba. Em 24 de dezembro de 1996 foi criada e promulgada a lei nº4.225 pelo prefeito de Piracicaba na época, Antônio Carlos Mendes Thame em prol da compensação das terras invadidas, ou seja, a área que antes pertencia à prefeitura passou a ser da comunidade do Jardim Glória e a prefeitura afetou (tornou pública) uma outra área para compensar, regularizando, portanto, as terras da Favela Frei Sigrist. Abaixo, segue a descrição da lei:

“LEI Nº 4.225, DE DEZEMBRO DE 1996

(Cria e define área verde em substituição a áreas verdes invadidas, desafeta¹ áreas de terras pertencentes à classe de Bens de Uso Comum do povo, localizadas nas favelas do **Jardim Glória**, Bairro Paulicéia, e do Loteamento Dr. Jorge Pacheco Chaves, Bairro Jaraguá, neste Município,

¹ Desafetar: Significa transformar uma área que era um bem público, em uma área privada passível de comercialização.

Para posterior alienação aos seus atuais ocupantes, visando a regularização da posse, para posterior transferência de domínio, e dá outras providências).

ANTÔNIO CARLOS DE MENDES THAME, Prefeito do Município de Piracicaba, Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições, faz saber que a Câmara de Vereadores de Piracicaba, aprovou e ele sanciona e promulga a seguinte

LEI Nº 4225

Artigo 1º - Fica afetada² para compensar a área desafetada no artigo 2º, desta lei, incorporando-se à classe dos bens de uso comum do povo, a área de terreno abaixo descrita:

Proprietário: Prefeitura do Município de Piracicaba

Matrícula: nº56.298 – 2º Cartório de Registro de Imóveis

Local: Favela Localizada no Loteamento “Jardim Glória”

Bairro: Vila Cristina – Setor 26 – QUADRA 02 **Área:**

27.000,00 m² “

² Afetar: Significa tornar uma área pública.

5. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

Diversos projetos foram estudados durante a realização deste trabalho como forma de complementação, entendimento e inspiração para a realização do projeto. A seguir, serão apresentadas as referências projetuais que contribuíram para o desenvolvimento do projeto.

5.1 COLÉGIO SANTO DOMINGO SÁVIO

Medellín Colômbia, 2005-2008

Escritório: *Obranegra arquitetos* [Carlos Pardo Botero, Mauricio Zuluaga Latorre e Nicolás Vélez Jaramillo]

Este projeto está localizado na porção Noroeste da cidade de Medellín na Colômbia, umas das zonas mais pobres e violentas da cidade. O projeto faz parte de um programa chamado “Medellín mais Educada” com o objetivo de melhorar a qualidade educativa do local.

A reinterpretação das características do bairro foi um ponto importante para a realização do projeto, como terraços, varandas, escadas, e rachaduras urbanas, que na maioria dos casos tem relação direta com a cidade.

Os principais conceitos são a quebra dos limites impostos nas escolas, e por isso a proposta de um terraço criado a partir da laje do próprio prédio –Figura 37 – que funciona como Mirante e espaço para conversas e troca de informações, além disso neste projeto os espaços públicos e de convivência são muito valorizados, como por exemplo o pátio criado a partir dos pilotis; topografia do local contribuiu para a forma sinuosa do edifício e os brises dispostos de forma vertical contribuem para a minimização das intempéries.

"A singularidade do projeto arquitetônico reside na sua capacidade de oferecer espaços de encontro e de diálogo, que permite manter o contato com a paisagem e a cidade em cada um dos quartos e passeios do edifício."

Obranegra Arquitetos

Figura 34: Vista Geral da Favela de Medellin e do Colégio Santo Domingo Sávio



Fonte: Vitruvius, 2014

Figura 36: Vista do Pátio externo em cima da laje.



Fonte: Vitruvius, 2014

Figura 35: Colégio Santo Domingo Sávio. Medellín, Colombia, 2008.



Fonte: Vitruvius, 2014

Figura 37: Vista Geral do pátio livre acima da edificação.



Fonte: Vitruvius, 2014

5.2 PARQUE BIBLIOTECA PÚBLICA LEÓN DE GREIFF

Medellín Colômbia, 2006-2007

Arquiteto: *Gian Carlo Mazzanti*

O projeto envolve a organização do programa dividindo a obra em 3 edifícios, cujas atividades podem ocorrer de forma livre, independente do horário, afinal cada unidade pode abrir ou fechar dependendo do evento que ocorrerá.

Os 3 edifícios – Figura 38 - foram concebidos de forma harmoniosa com a paisagem local e são conectados entre si através de um grande pátio - Figura 39 - , e sendo esta um local livre, promove o encontro entre as pessoas, a liberdade para a ocorrência de atividades ou até mesmo um local para admirar a paisagem.

A própria topografia do terreno, permitiu que fossem criados mirantes de contemplação – Figuras 41 e 42 , além de terem contribuído para a forma dos edifícios, que se acomodam na paisagem como plataformas elevadas. Estes são divididos em 3 partes, como mostra o estudo realizado

pela autora do projeto na Figura x: Contenedor 1, que é o centro comunitário, contendo salas multifuncionais para atividades variadas; Contenedor 2, onde abriga uma biblioteca e o Contenedor 3, onde há um auditório. Esteticamente, os edifícios formam um conjunto limpo visualmente e são essencialmente grandes incentivos à cultura e bem estar da população.

Figura 38: Vista dos 3 edifícios.



Fonte: Plataforma Arquitetura, 2014

Figura 39: Vista posterior do pátio livre que conecta os 3 edifícios.



Fonte: Plataforma Arquitectura, 2014

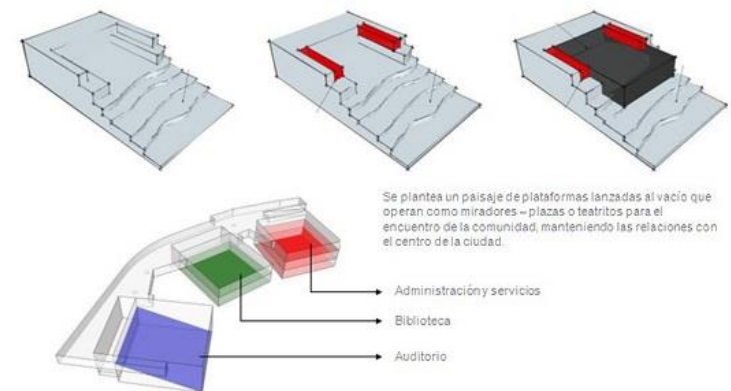
Figura 41: Vista de um dos mirantes do edifício.



Fonte: Plataforma Arquitectura, 2014

Figura 40: Esquema da acomodação dos edifícios no terreno

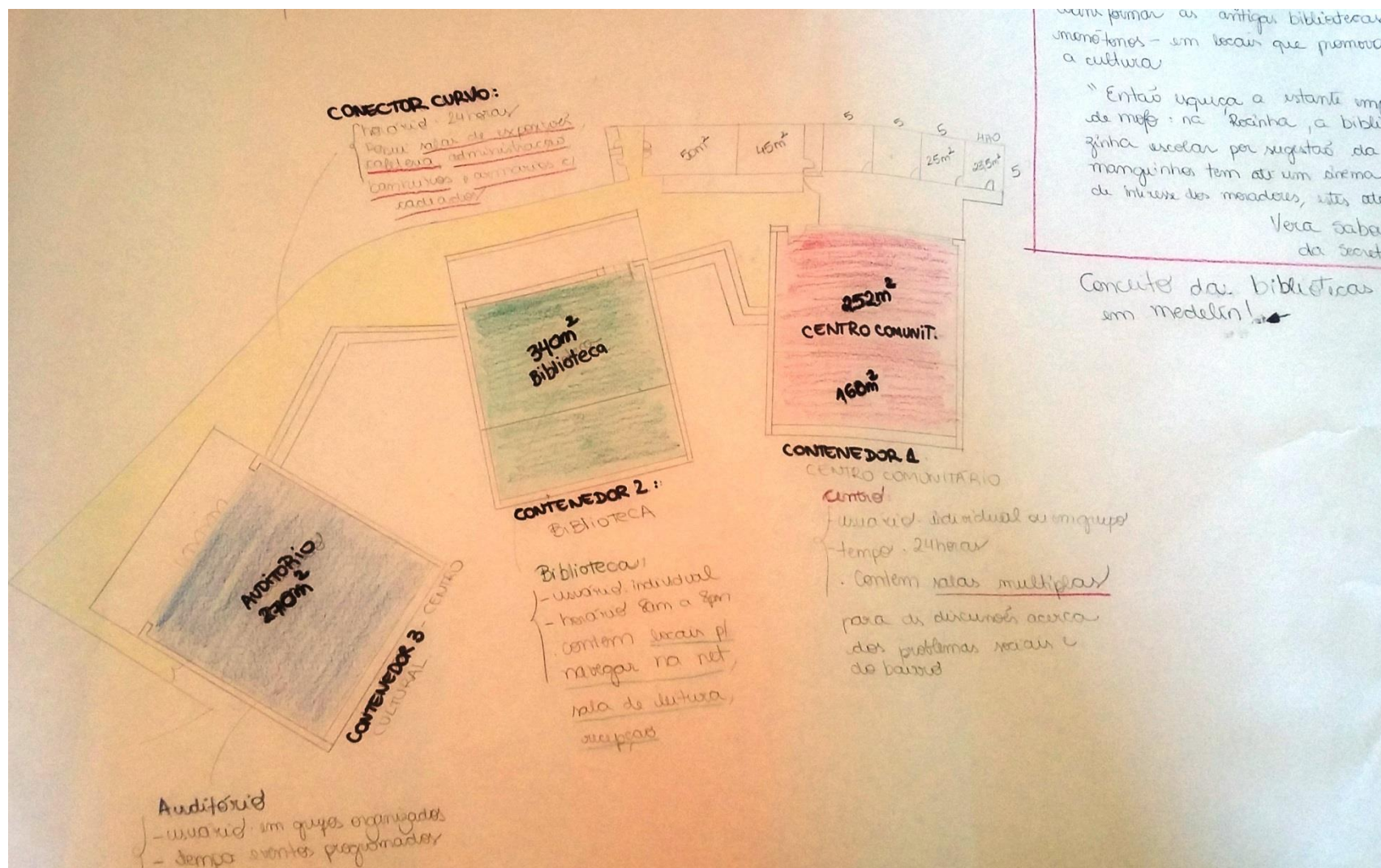
46



Fonte: Plataforma Arquitectura, 2014

Figura 42: Detalhe dos mirantes dos edifícios.





Fonte: Realizado pela autora do projeto

Figura 44: Vista noturna dos 3 edificios.



Fonte: Plataforma Arquitetura, 2014

5.3 FAVELA NOVA JAGUARÉ – SETOR 3

Favela Nova Jaguaré, Jaguaré, São Paulo, SP , 2002

Escritório: Arquitetura Boldarini Arquitetos Associados – Marcos Boldarini (arquiteto responsável), Claus Bantel, Juliana Junko Pedroso de Melo, Lucas Nobre, Renato Bomfim, Ricardo Falcoski

A favela Nova Jaguaré é uma das mais antigas ocupações irregulares da cidade de São Paulo, e o projeto foi pensado de modo a adequar um local desprovido de infraestrutura e completamente íngreme e inacessível em um espaço adequado ao convívio público. O escritório Boldarini Arquitetos Associados apostou em diferentes ações de qualificação urbano-ambiental e eixos de circulação para desenvolver o projeto de revitalização da área denominada “Setor 3”, situada na Favela Nova Jaguaré.

O ambiente em que a favela está inserida é caracterizado pela precariedade de casas que foram ocupadas por moradores do local de forma irregular e

possuem um alto risco de desmoronamento, além da falta de espaços qualificados que proporcionem lazer a população local. Portanto, para a realização do projeto foi necessário a demolição das edificações que se encontram em situação mais crítica para viabilizar a construção de estruturas de estabilização geotécnica e implementar sistemas de drenagem pluvial, redes de esgoto e abastecimento de água.

A proposta de intervenção tem como elemento principal do projeto um eixo de circulação – Figura 45- que foi criado para conectar as cotas superiores e inferiores do bairro – superando um desnível de 35 metros –, que também serve para articular os diversos níveis conformados pelos patamares onde estão localizados os equipamentos e espaços para as atividades de esporte, lazer e recreação – Figura 46.

Segundo os arquitetos, “este eixo é marcado por uma série de dispositivos de circulação, como escadas, rampas e

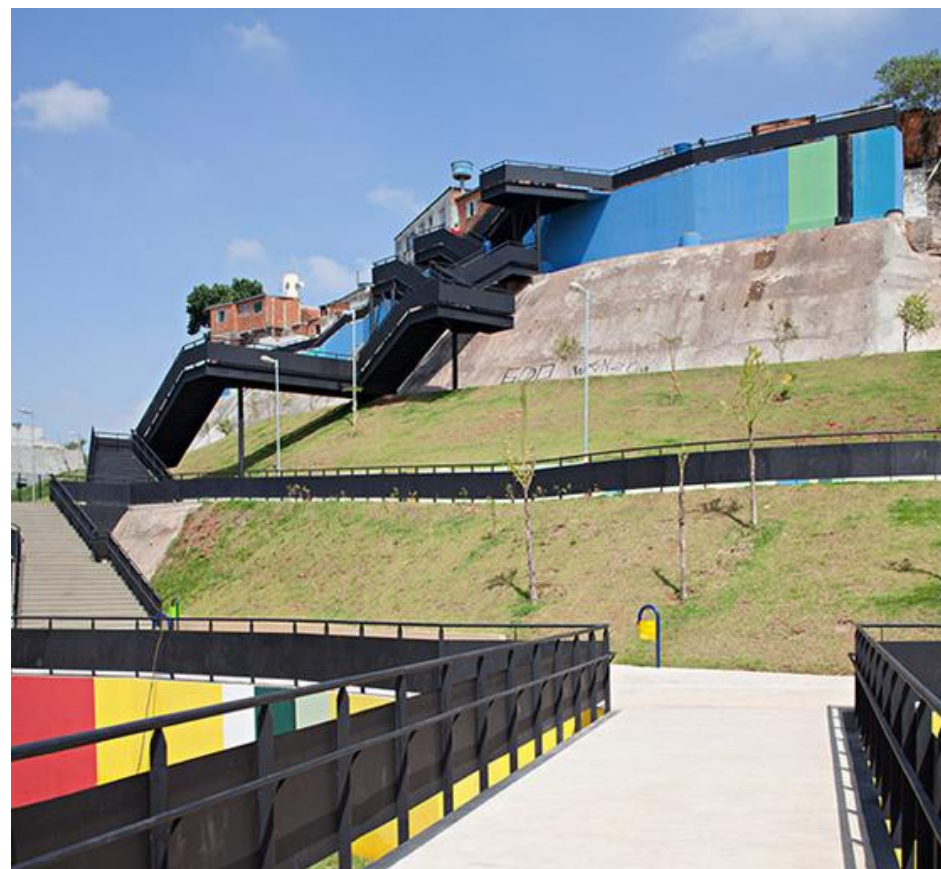
passarelas confeccionadas em estrutura metálica – Figura 47 - que exploram de maneira lúdica o percurso, permitindo que o pedestre desfrute dos visuais do Vale do Rio Pinheiros, Pico do Jaraguá e demais cenários que se descortinam a partir daquele local”. Outros destaques são ao Centro Comunitário projetado para abrigar um espaço de informática, que também possui em sua cobertura uma praça-mirante – Figura 48 - que possui localização estratégica justamente por ser a edificação que se encontra no centro de todo projeto.

Figura 46: Destaque para um dos espaços com equipamentos de lazer.



Fonte: Archdaily, 2014

Figura 45: Destaque para um dos eixos de circulação da favela Nova Jaguaré



Fonte: Archdaily, 2014

Figura 47: Escadaria Metálica



Fonte: Archdaily, 2014

Figura 48: Edifício da informática com o mirante na cobertura do edifício



Fonte: Archdaily, 2014

5.4 EDIFÍCIO PROJETO VIVER – VENCEDOR GANHADOR DO PREMIO ROGÉLIO SALMONA (PRIMEIRO LUGAR)

São Paulo, SP, 2005

Escritório FGMF (Fernando Forte, Lourenço Gimenès e Rodrigo Marcondes Ferraz) e Cacília Reichstul, Associação Viver em Família pra um Futuro Melhor, Inova TS Engenharia

A premissa fundamental do projeto foi criar espaço livre para a população da comunidade local. Essa diretriz foi originada da análise de dois elementos fundamentais do contexto pré-existente: primeiro, o fato do tecido da favela não contar com espaços coletivos de qualidade. Trata-se de uma malha densamente ocupada, onde os poucos espaços livres são estreitas vielas onde coexistem automóveis, esgoto a céu aberto e muita gente.

O terreno escolhido tem 1500 m² e era utilizado pela população local como um dos acessos da favela, como depósito de lixo e também de automóveis, surgindo a idéia, portanto, de transformar esse local em um grande espaço coletivo. Para tanto, foi feito um projeto em 4 “praças”: uma

praça esportiva (a quadra de esportes), uma praça coberta (sob as salas de aula), uma praça plana (no centro, articulando os demais espaços), uma praça em patamares (no acesso, aproveitando a topografia acidentada) e uma praça elevada (na cobertura dos prédios) – Figura 49. O projeto consiste também na criação de espaços que estimulam a convivência entre as pessoas (terraço jardim e pátios) – Figuras 50 e 51, valorizando espaços abertos e coletivos, e articulando-os com os espaços internos.

“A disponibilidade e espaço coletivo qualificado promove a noção de que trata-se um bem de todos os moradores, que vêm se apropriando deste espaço de forma significativa e mantendo-o como um bem precioso da comunidade.”

FGMF

Figura 49: Perspectiva Isométrica do Projeto. É observável o último piso, na lajes, os terraços-jardim.



Figura 49: Espaços de convivência sendo utilizados.



Figura 50: Vista Geral dos Blocos.



O estudo das referencias foi essencial para a elaboração do projeto, uma vez que os estudos das mesmas, com suas peculiaridades, contribuíram para a um melhor entendimento das dificuldades apontadas na área de estudo e as possíveis soluções que foram aplicadas a elas.

O partido para a criação de espaços livres qualificados para a utilização pela população casam perfeitamente com toda a área de estudo da favela Frei Sigrist, cuja situação se encontrava bastante parecida com as favelas estudadas nas referencias, pois havia uma nítida carência de espaços de lazer e aprendizado em locais tão carentes quanto à favela de Piracicaba.

A questão da declividade do terreno fora bastante explorada nos projetos estudados acima, afinal, uma grande parte das favelas estão inseridas em locais de difícil acesso e bastante íngremes, o que dificulta o deslocamento acessível por toda a população. Assim a necessidade da elaboração de espaços de circulação marcado por escadas, rampas e plataformas elevatórias aparecem em todos os

projetos estudados, bem como na criação das mesmas no projeto deste estudo.

Além da circulação que fica marcada através das circulações verticais, os projetos apresentados acima possuem edifícios que foram pensados de forma a acomodarem-se nos terrenos, que por conta da declividade, foram elementos importantes na elaboração dos mesmos, quanto à forma e a materialidade.

No projeto de Santo Domingo Sávio na Colômbia, teve como particularidade a quebra dos limites impostos nas escolas através de um pátio com extensão da própria laje, o que acontece também no projeto do Setor 3 da Favela Nova Jaguaré. A declividade do terreno é um ponto positivo para o jogo de aturas de modo que esses ambientes sejam criados. A elaboração de mirantes e praças em local elevado foram interpretados pela autora do projeto como locais de respiro nas favelas, que em sua maioria, são locais bastante populosos , contribuindo para a formação de vielas e moradias muitos próximas uma das outras, o que dificulta a existência de espaços livres qualificados.

O Parque da Biblioteca Pública León de Greiff e o Projeto do Setor 3 na Favela Nova Jaguaré, também possuem peculiaridades a respeito das contenções de terra, uma vez que se encontram em locais íngremes, o próprio edifício participa da contenção através de paredes que funcionam como muros de arrimo.

Outro ponto que chamou atenção foi o Novo Conceito encontrado no Projeto do Parque Biblioteca de Leon Greiff, que são os Parques Biblioteca, pois é uma forma de transformar as antigas bibliotecas em locais que promovam maiores interações entre a população e incentivo a cultura.

Os espaços livres e de encontro também são características bastante marcantes dentre todos os projetos estudados, afinal, essa valorização dos espaços de encontro contribuem para a troca de informações entre os moradores e as interações proporcionando uma convivência mais harmoniosa e produtiva. A qualificação de locais que abriguem atividades de lazer e aprendizado também tem importância significativa, uma vez que estimulam a criatividade e a

produtividade de uma população tão carente de recursos e vítima da exclusão social.

6. DIRETRIZES PROJETUAIS

As diretrizes projetuais foram articuladas após um diagnóstico – Figura 52 - realizado de toda a favela, onde uma série de problemas foram encontrados: há a falta de espaços de lazer qualificados; há também diversas casas que se encontram em situação de risco por terem sido instaladas em locais bastante íngremes e inadequados – Figura 53; muitas casas da favela se encontram em locais onde não há acessibilidade para um deslocamento seguro dos moradores; há vários terrenos vazios ou subutilizados – Figura 54.

Em vista destes diversos problemas propostas de qualificação destes ambientes foram inevitáveis, podendo ser observadas no mapa de diretrizes da Figura 57. As diretrizes, portanto, se pautam na:

- Criação de caminhos qualificados e acessíveis nos locais de difícil acesso
- Criação de nichos de convivência por toda a favela, que seriam espaços de encontro e descanso, com mobiliário adequado
- Diretrizes para a criação de habitações coletivas nos terrenos vazios e subutilizado, que seriam o destino das famílias moradoras das casas em situação de risco

- Conexão da rua sem saída com um dos terrenos vazios e a formação de uma praça no mesmo, casando com a ideia da formação desses espaços de encontro.
- Criação de um equipamento público de lazer e aprendizado em um dos terrenos vazios e subutilizados
- Criação de caminhos que guiem e conectem espaços já existentes na favela – como a quadra de futebol que se encontra atrás da igreja – Figura 53 -, mas está bastante precária, sendo como diretriz também a revitalização da mesma.

Figura 52: Prancha de Diagnóstico Geral da Favela Frei Sigrist



Figura 53 : Vista da quadra de futebol atrás da igreja com detalhe para uma das casas em situação de risco



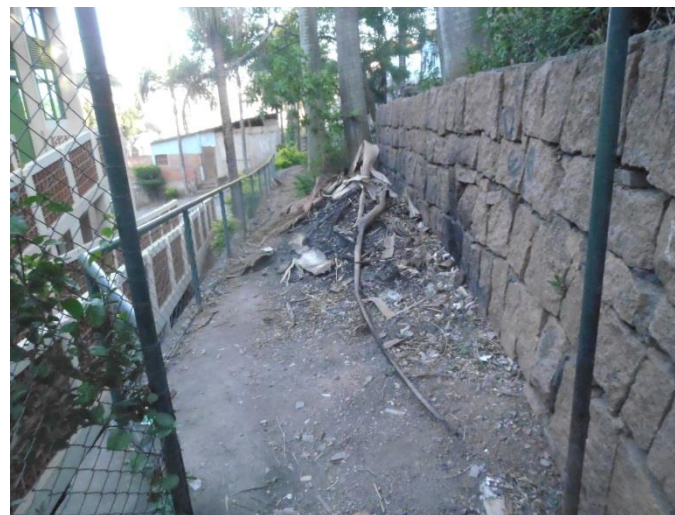
Figura 54: Vista de dois dos terrenos abandonados e subutilizados



Figura 55: o Bar da Favela



Figura 56: Vista de um dos caminhos inacessíveis



59



7. O PROJETO

A favela Frei Sigrist em sua extensão apresenta diversos problemas como fora apontado na problemática e pelos estudos do diagnóstico sendo assim, uma série de diretrizes fora elaborada em prol da melhoria e da qualificação dos espaços do local.

Em vista disso, fora realizado um projeto de um equipamento público de lazer e aprendizado com a qualificação adequada para o máximo aproveitamento pela população.

A escolha do terreno se deu porque o mesmo se encontra com muito entulho completamente abandonado – Figura 59. Ele se encontra bem na frente de uma das escadarias principais da favela, e é alvo de muitas críticas pelos moradores. Outro fator que contribuiu para sua escolha foi a facilidade dos acessos, pois existem dois que acontecem pela Rua 1 e Rua 2 – Figura 60 -, além de sua declividade que proporciona uma vista digna de ser contemplada – Figura 61.

Figura 58: Vista aérea favela - demarcada em laranja.



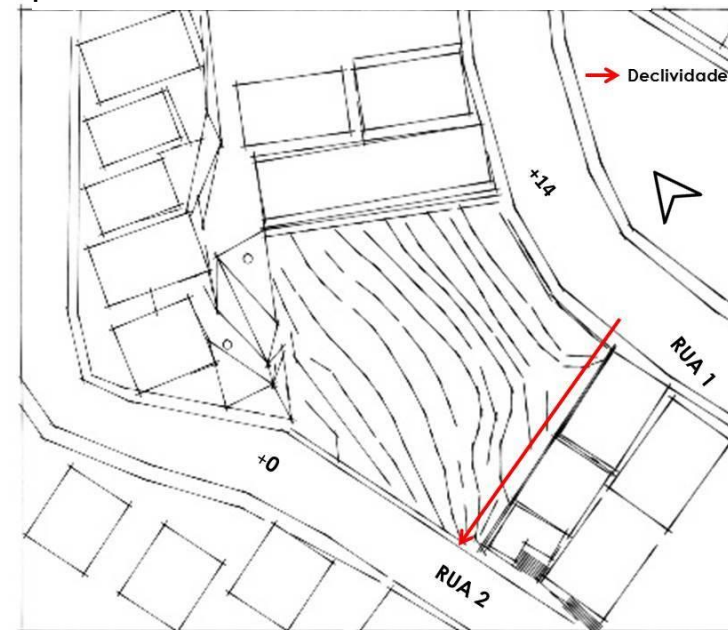
Fonte: IPPLAP e adaptado pela autora do projeto

Figura 59: Vista do terreno com entulho.



Fonte: acervo pessoal

Figura 60: Terreno com as curvas de nível; detalhe para os dois acessos: Ruas 1 e 2



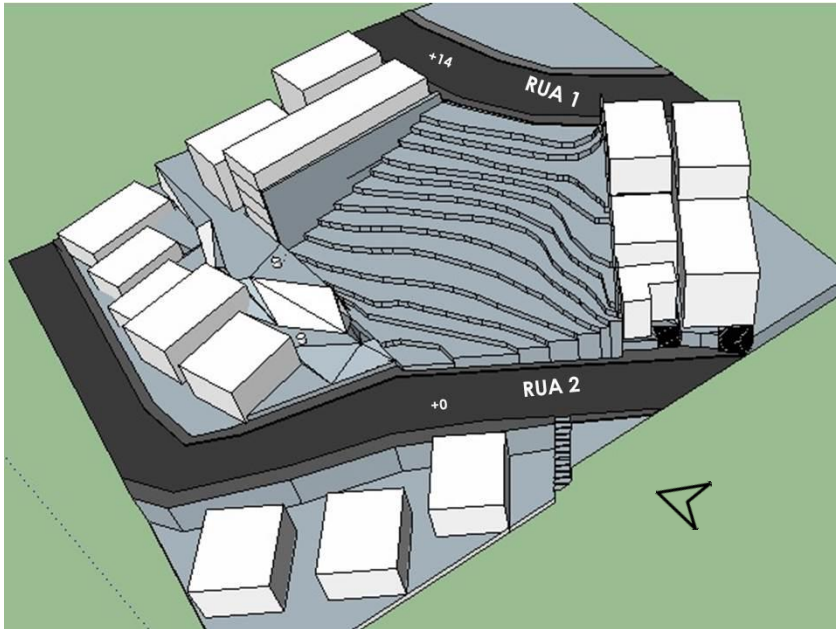
Fonte: acervo pessoal

Figura 61 : Vista da Rua 1 - Favela Frei



Fonte: Acervo pessoal

Figura 62: Terreno escalonado representando a declividade com curvas de 1m em 1m.



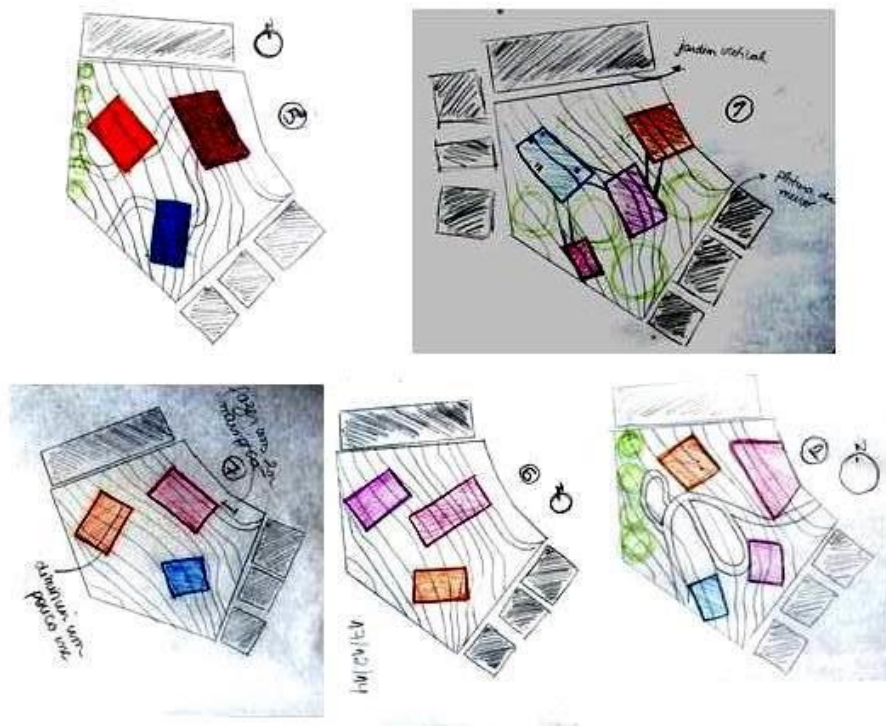
Após a escolha do terreno surge a ideia de transformá-lo em um local de encontro, de aprendizado e lazer, proporcionando a melhoria da qualidade de vida da população, afinal a disseminação da cultura promove claramente a melhoria dos locais que tiveram essas intervenções, como estudado nas cidades das referências projetuais: Medellín na Colômbia, e na Grande São Paulo.

A declividade do terreno – 14m de desnível ao total; Figura 62 – fora de extrema importância para a elaboração da forma do projeto e do seu conceito.

Em vista da grande declividade do terreno – Figura 62 - a elaboração do mesmo, se pauta na criação de patamares escalonados, de modo a usufruir de maneira total do terreno, bem como a projeção de escadarias irregulares quanto a sua forma, o que acompanha o desenho do terreno e da própria favela.

A elaboração dos patamares foi projetada através de estudos de implantação – Figura 63 - , em vista de que o projeto, conta, além dos patamares, a elaboração de edifícios que abrigam atividades. Portanto, fora realizado um estudo de implantação que resultaria nas alturas e extensões dos patamares.

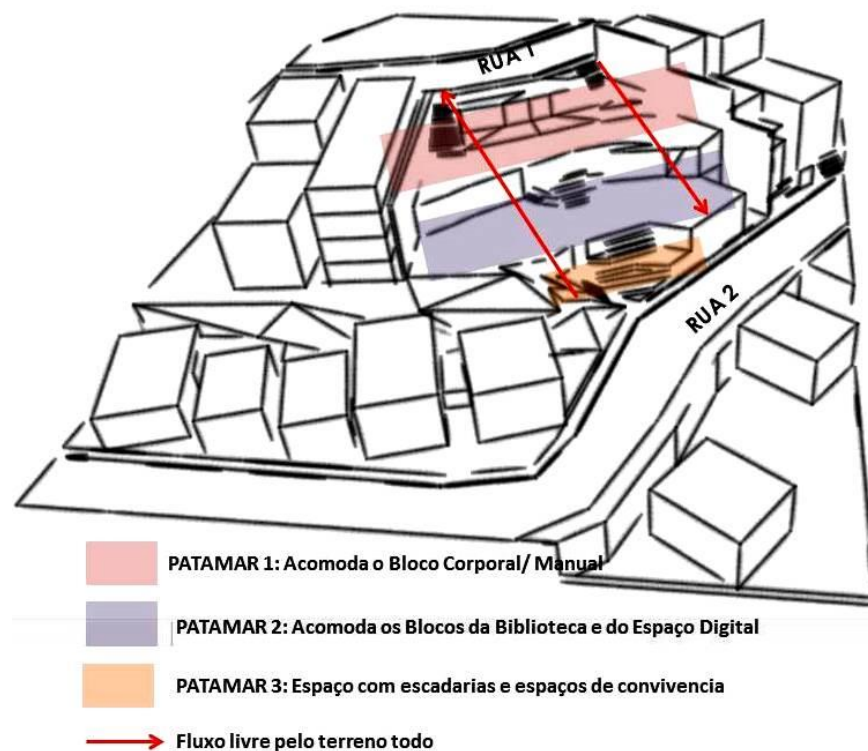
Figura 63: Estudos de implantação realizados pela autora do projeto



O projeto, portanto, foi realizado em 3 patamares principais – Figura 64 – e cada patamar possui escadarias irregulares que acompanham a declividade do terreno. Os patamares acomodam os 3 blocos de lazer e cultura projetados – Figura 65 .

Figura 64: Croqui com a divisão do terreno em 3 patamares principais realizado pela autora do projeto.

63

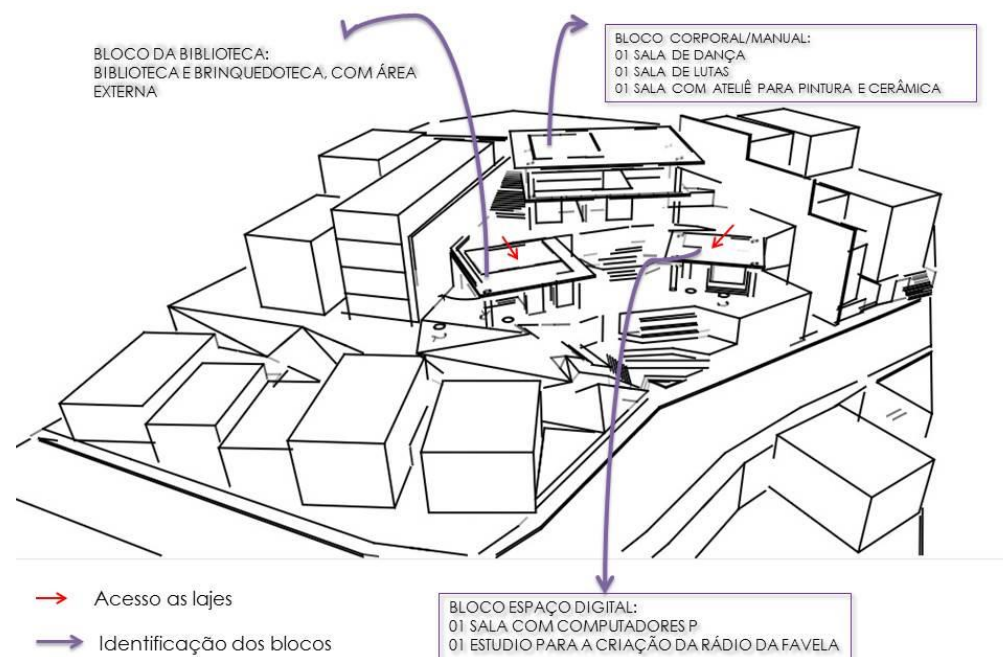


Os três edifícios que se acomodam nos patamares propostos, são divididos em um bloco maior – Bloco Corporal Manual - que se encontra em uma cota mais elevada onde há salas de dança e ateliês para o incentivo a arte. Já nos dois outros blocos, que se encontram em um patamar mais abaixo, são divididos em Bloco da Biblioteca e Bloco do Espaço Digital, onde no primeiro podemos encontrar uma biblioteca,

uma brinquedoteca e no segundo, salas com computadores e um estúdio para acomodar equipamentos que contribuirão para dar vida a uma rádio para a favela.

Os blocos menores, por estarem em uma cota mais baixa que o bloco do edifício maior, tem suas lajes encostadas no Patamar 1 – Figura 65 – do bloco principal, o que proporcionou a utilização das lajes como espaços de convivência e mirante, transformando o patamar superior em um grande espaço integrado, bem como todos os outros.

Figura 65: Croqui da disposição dos blocos entre os patamares, suas atividades e os acessos as lajes dos blocos menores



Fonte: Realizado pela autora do projeto

Além dos mirantes e espaços de convivência proporcionados pela extensão das lajes no segundo patamar, há um mirante no bloco principal, onde os pedestres que estão caminhando pela Rua 1, poderão entrar livremente, justamente por ser um local integrado e com uma grande extensão da Rua para dentro do edifício – Figura 66 e 67.

Figura 67 : Vista do espaço livre entre a a rua e o edifício

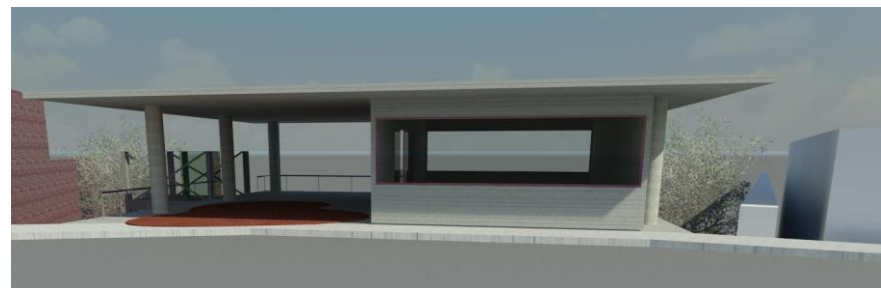


Figura 66- Detalhe de uma das vistas do Bloco Maior, e seu acesso livre da Rua para o Interior.



Fonte: Realizado pela autora do projeto

Acessibilidade também foi garantida no projeto com a projeção de escadarias verticais em aço, que contam com elevadores, dispostas de maneira que permitem o acesso a todos os patamares – Figura 68.

Figura 68: Destaque para as duas caixas de escada acessíveis que acessam todos os patamares



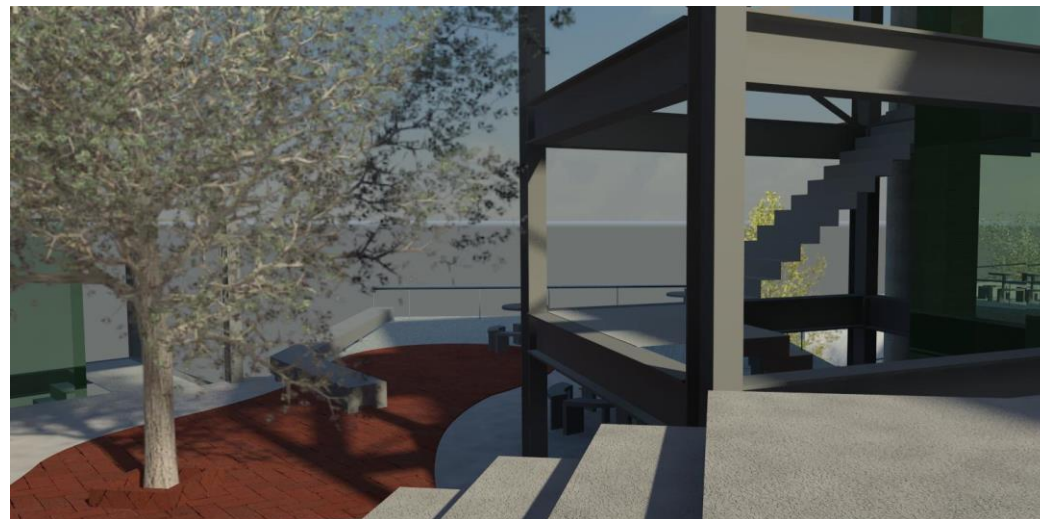
Fonte: Realizado pela autora do projeto

Figura 69: Vista da caixa de escada menor



Fonte: Realizado pela autora do projeto

Figura 70: Vista 2 da caixa de escada menor



Fonte: Realizado pela autora do projeto

O terreno também contará com jardineiras que completam as escadas com suas formas geométricas, casando com as escadarias já existentes na favela, que também são bem dotadas de plantas e folhagens, além de garantir um melhor conforto visual e físico para aqueles que usufruirão do local – Figura 71. Além de jardineiras os muros já existentes nas laterais do terreno serão suporte para jardins verticais, que proporcionarão beleza e frescor ao ambiente – Figura 72.

Além disso, foram utilizados elementos no projeto, que da maneira que foram dispostos, garantem uma maior integração entre os blocos e os patamares, bem como os blocos entre si, como por exemplo os bancos de concreto alocados nas lajes dos blocos menores, e os caminhos diferenciados garantindo uma maior integração – Figura 73.

Figura 71: Vista de algumas das jardineiras junto às escadas



Fonte: Realizado pela autora do projeto

Figura 72: Muro verde inserido em um dos muros já existentes



Fonte: Realizado pela autora do projeto

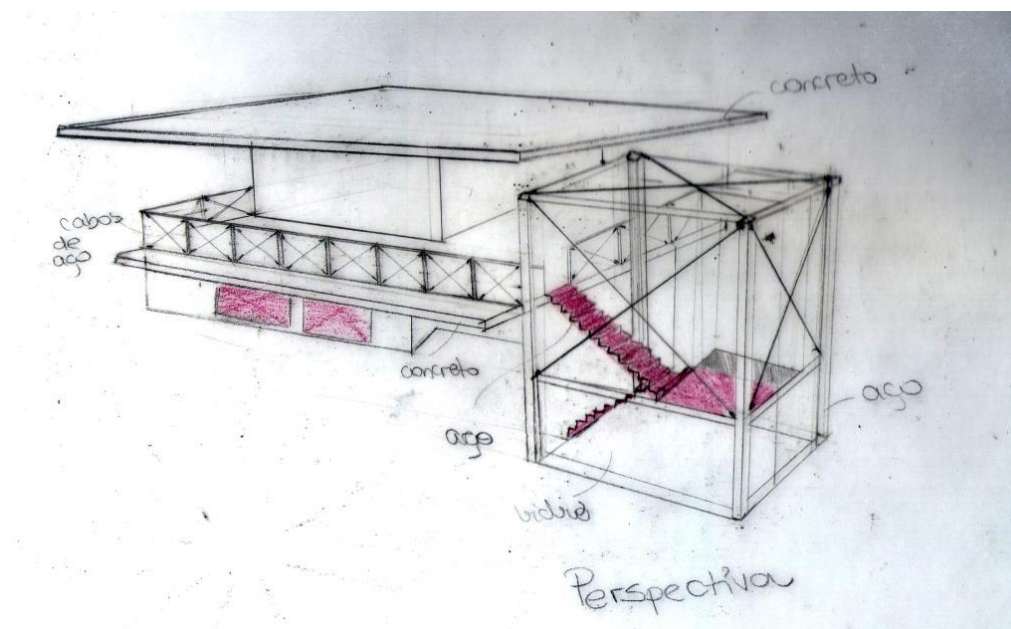
Figura 73: Vista de algumas das jardineiras junto às escadas



Fonte: Realizado pela autora do projeto

A elaboração da forma dos edifícios foi pensada de uma maneira que apresentasse uma forma simples e dinâmica, mas que ao mesmo tempo tivesse uma identidade garantida. Foram pensados lajes planas em busca de sua utilização como espaços de convivência, e sua estrutura garantida por pilares dispostos de forma que formassem vãos livres para a circulação de pessoas, como no caso do bloco maior, e também a disposição livre dos espaços internos. As caixas de escada acessíveis são totalmente independente estruturalmente, mas se integram com as edificações.

Figura 74: Croquis das ideias iniciais da forma dos edifícios



Fonte: Realizado pela autora do projeto.

Os três edifícios, portanto, formam o conjunto do Bloco Corporal/Manual que é o Edifício maior e mais elevado, e os outros dois, sendo um da Biblioteca e o outro do Espaço Digital. Segue abaixo seus desenhos técnicos elaborados pela autora do projeto.

Figura 75: Vista Geral Equipamento Público Favela Frei Sigrist



Fonte: Realizado pela autora do projeto

Figura 76: Vista de cima da laje do Bloco da Biblioteca



Fonte: Realizado pela autora do projeto

Figura 77: Vista Lateral



Fonte: Realizado pela autora do projeto

Figura 78: Vista da Varanda do Edifício Principal



Fonte: Realizado pela autora do projeto

Figura 79: Vista de cima da varanda do Bloco Corporal Manual



Fonte: Realizado pela autora do projeto

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo assim, após todo o estudo realizado foi possível analisar e perceber que as favelas são problemas de exclusão social e que precisam da atenção especial das políticas públicas para que a população residente tenha uma vida mais digna e prazerosa. Durante o estudo, foi muito importante perceber as peculiaridades de cada favela e suas necessidades, sendo isso a premissa fundamental para a elaboração do projeto para a Favela Frei Sigrist. Com investimentos sociais, é possível perceber uma grande melhora na qualidade de vida da população, redução da criminalidade e a ampliação da cultura e bem – estar para uma população tão carente, como são as moradoras das favelas.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

- DAVIS, Mike. Planeta Favela; Tradução de Beatriz Medina - São Paulo: Boitempo, 2006.
- ELIAS NETTO, Cecílio. Almanaque 2000: memorial de Piracicaba – Século XX. Piracicaba: IHGP, Jornal de Piracicaba, Unimep, 2000.
- JACQUES, Paola B. Learning From Favelas, em Sociologia de capitais brasileiras: participação e planejamento urbano, Brasília. Liberlivro, 2006
- LEFEBVRE, H. O Direito à Cidade. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo:Centauro, 2001.
- MARICATO, Ermínia. Favelas: um universo gigantesco e desconhecido. São Paulo, Laboratório de habitação e assentamentos humanos / FAU USP, 2001. Disponível em: www.usp.br/fau/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_favelas.pdf > .Acesso em:15/05/2014
- MARICATO, Ermínia (2002). Conhecer para resolver a Cidade Ilegal. Disponível em:
- BILAC, M B. Piracicaba – acervo de publicações especializadas e
- <[ttp://www.usp.br/fau/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_conhecercidadeilegal.pdf](http://www.usp.br/fau/deprojeto/labhab/biblioteca/textos/maricato_conhecercidadeilegal.pdf)>. Acesso em 07/05/2014
- MARICATO, Ermínia (2003) Metrópole, Legislação e Desigualdade. Estudos Avançados. V.17, n.48, p.151-168.
- NEME, Mario. História da Fundação de Piracicaba. Piracicaba/SP. Editora Franciscana, IHGP, 2009
- MARTINS, L A T (2001). A qualidade do crescimento econômico: uma reflexão sobre o caso de Piracicaba. O desenvolvimento de Piracicaba: história e perspectivas., Piracicaba, p. 127 -168, 2001.).
- PEQUENO, Renato. Políticas habitacionais, favelização e desigualdades sócio-espaciais nas cidades brasileiras: transformações e tendências. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2008, vol. XII, núm. 270 (35). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-270/sn-270-35.htm>> [ISSN: 1138-9788] . Acesso:09/04/2014

OTERO, Estevan Vanale. Expansão Urbana no Município de Piracicaba entre 2000 e 2010: Políticas Públicas e Atividade Imobiliária. XIV ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, Rio de Janeiro, Maio de 2011

SIQUEIRA FILHO, Vlademar. Metodologia de intervenção em Favelas localizadas em área de risco, na cidade de Piracicaba: uma experiência de (a) caso. Piracicaba, UNIMEP, 1998. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b22bd41fa293ed97d160f482fc58a183.PDF>. Acesso: 09/04/2014

TERCI, E. T. ; BILAC, Maria Beatriz Bianchini ; MAESTRELLI, A. P. V. ; PADILHA, Danieli Alves . Piracicaba: A Aventura Desenvolvementista (1950-1970) v. 01,. 1. ed. Piracicaba: MB Editora, 2001..

TERCI, E. T. ; BILAC, Maria Beatriz Bianchini ; VIEIRA JUNIOR, Adevalto Moraes ; PADILHA, Danieli Alves ; GOLDSCHIMIDT, Marília Gomes . Desconcentração Industrial: Impactos socioeconômicos e urbanos no interior paulista (1970 - 1990). v. 1. 181 p., 1. ed. Piracicaba: MB Editora, 2005.

TORRES, Maria Celestina Teixeira Mendes. Piracicaba/SP Editora Franciscana, IHGP, 2009.

VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-urbano no Brasil, São Paulo: Studio Nobel, 1999.

VILLAÇA, Flávio. Reflexões sobre as cidades brasileiras, São Paulo: Studio Nobel, 2012.

SITES

ARCHDAILY. Projeto Viver, FGMF. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/625866/vencedor-do-premio-rogelio-salmona-edificio-projeto-viver-fgmf>> Acesso em: Setembro, 2014

ARCHDAILY. Instituição Educacional La Samaria. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-90543/instituicao-educacional-la-samaria-campuzano-arquitectos>> Acesso em: Outubro, 2014

EMDAPH. EMDAPH entrega o restauro do barraco do Frei Sigrist. Disponível em: <http://emdhap.piracicaba.sp.gov.br/site/noticias/204-emdhap-entrega-restauro-do-barraco-e-acervo-do-frei-sigrist.html> Acesso: Maio, 2014

FGMF.PROJETO VIVER. Disponível em: <<http://www.fgmf.com.br/fgmf.html>> Acesso em: Setembro, 2014

IBGE. Banco de Dados: Cidades. Disponível em:
<<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>>. Acesso:
Julho, 2014

IPPLAP. Mapas. Disponível em:
<<http://ipplap.com.br/site/mapas/>> Acesso: Maio, 2014

IPPLAP. Piracicaba em Dados. Disponível em:
<<http://ipplap.com.br/site/piracicaba-em-dados/>> Acesso:
Maio, 2014

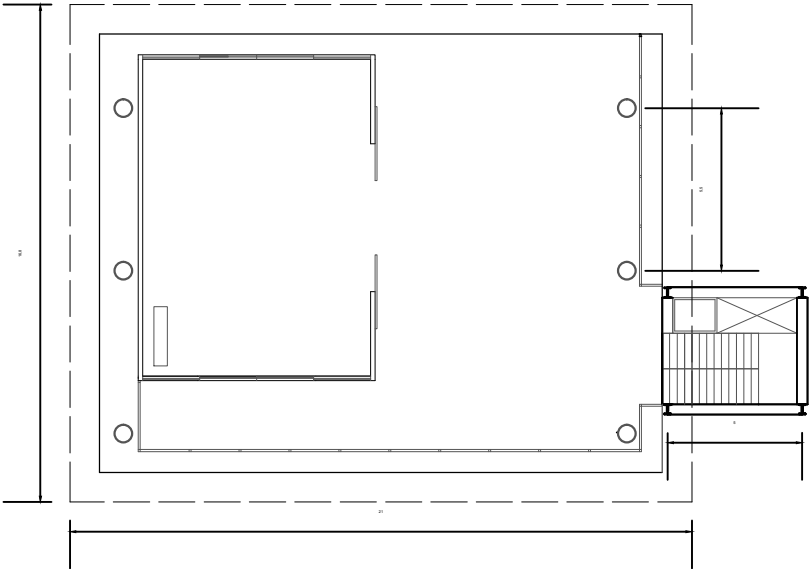
PREFEITURA DE PIRACICABA. Geoprocessamento.
Disponível em:
<<http://geo.piracicaba.sp.gov.br/sicpira/login.html>> Acesso:
Maio, 2014

PROCASP. Histórico Frei Sigrist. Disponível em:
<<http://www.procasp.org.br/historico>> Acesso: Maio, 2014

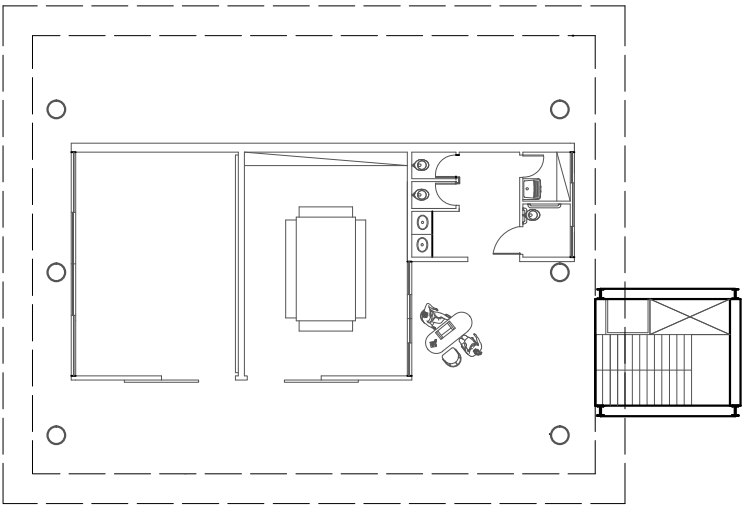
VITRUVIUS. Colégio de Santo Domingo Sávio. Disponível
em:
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.134/4265>>. Acesso em: Outubro, 2014

PLANTAS BAIXA BLOCO CORPORAL/MANUAL

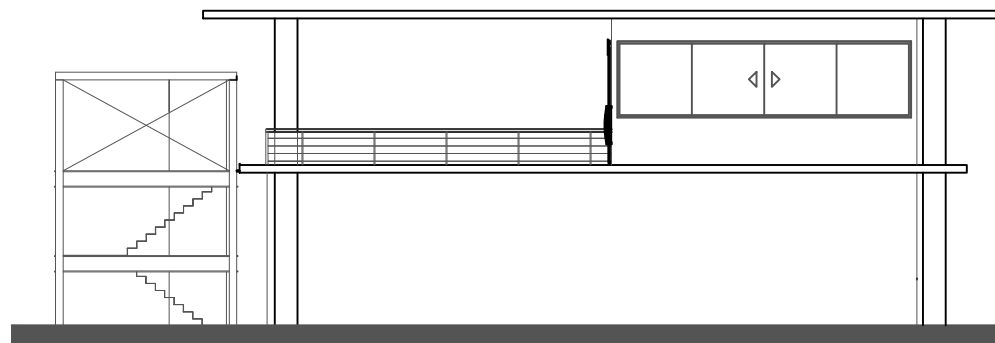
PLANTA BAIXA - ANDAR SUPERIOR



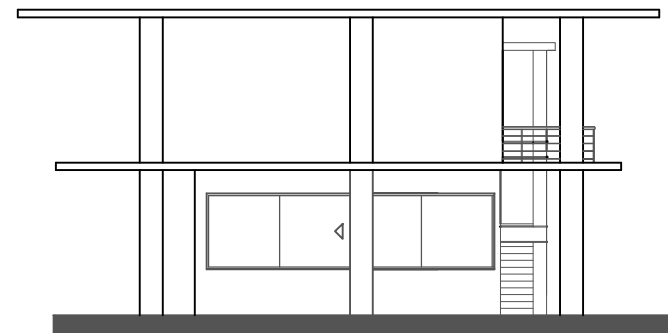
PLANTA BAIXA - ANDAR INFERIOR



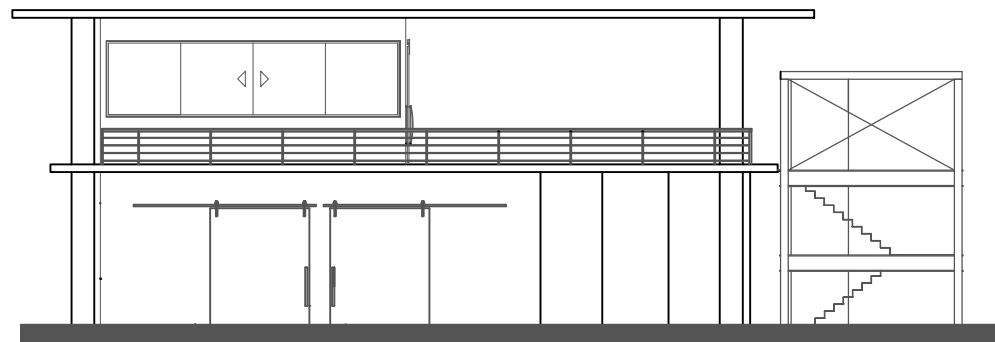
ELEVAÇÕES DO BLOCO CORPORAL/MANUAL



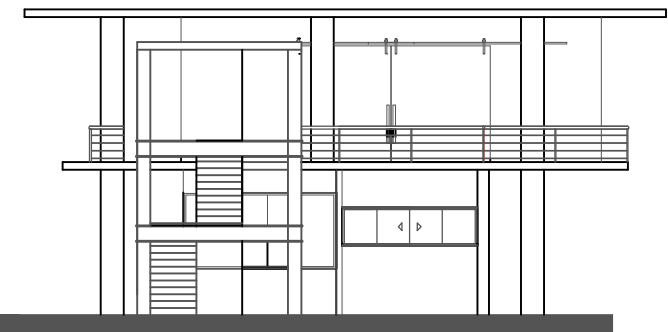
ELEVAÇÃO POSTERIOR



ELEVAÇÃO ESQUERDA

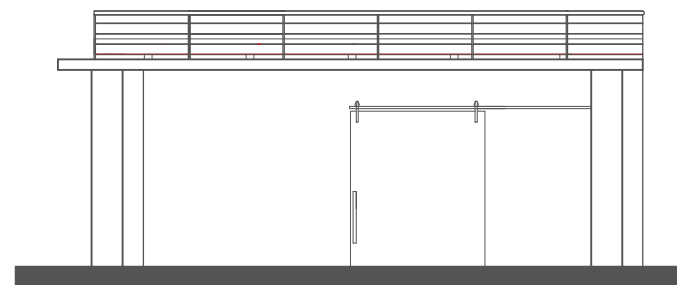
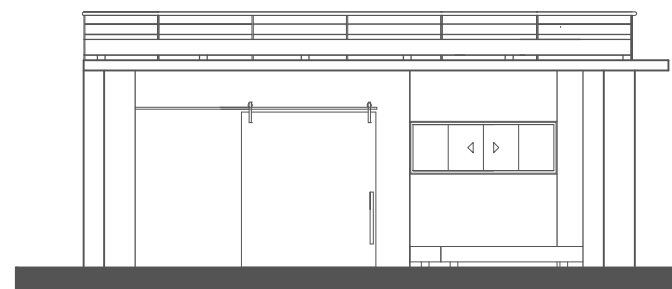
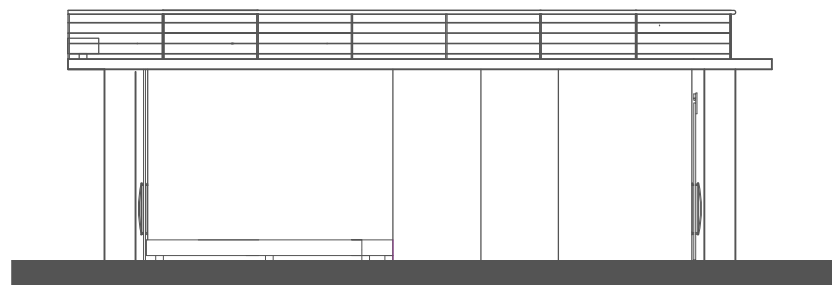
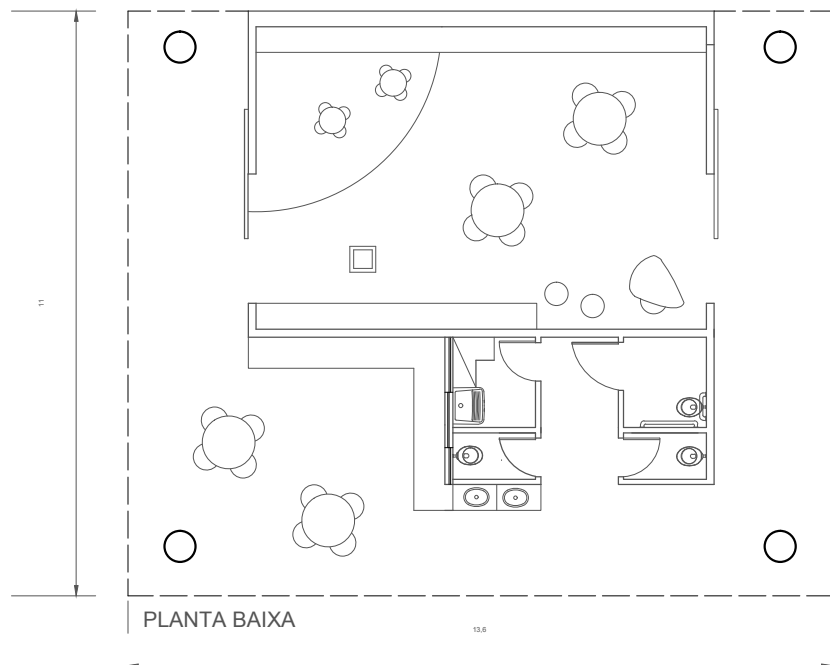


ELEVAÇÃO FRONTAL

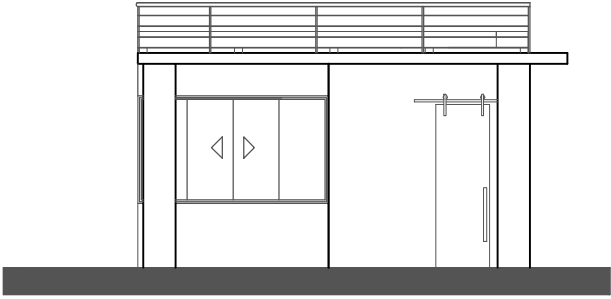
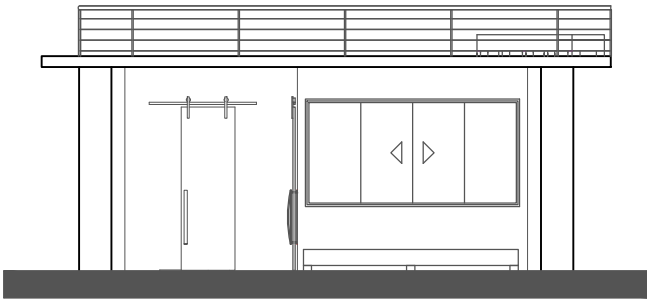
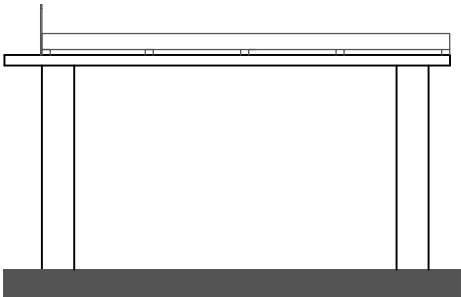
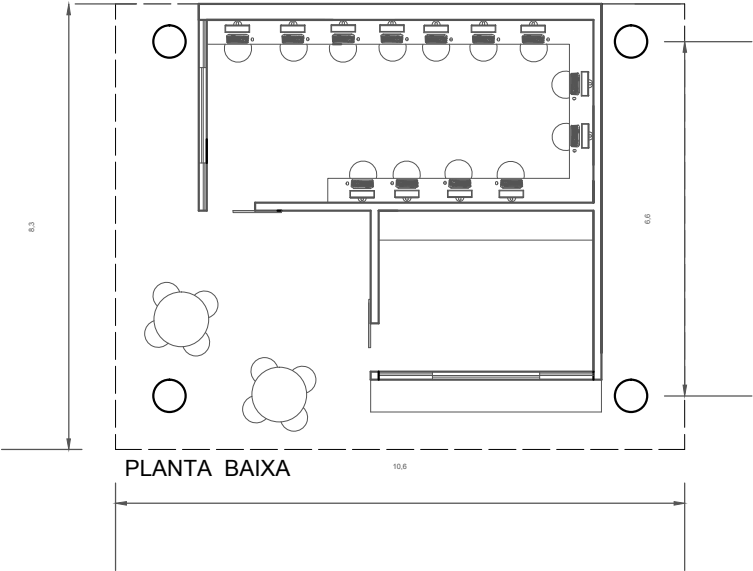


ELEVAÇÃO DIREITA

DESENHOS BLOCO DA BIBLIOTECA



DESENHOS BLOCO ESPAÇO DIGITAL



ELEVÇÃO FRONTAL

ELEVÇÃO ESQUERDA

